

Culturas Juvenis na ótica da Educomunicação



Âmbito da Comunicação Social
Ecosbrasil

Culturas Juvenis na ótica da Educomunicação

2014

Filhas de Maria Auxiliadora - Brasil



Título da obra original: *Culturas Juvenis na Ótica da Educomunicação*

© 2014 - Filhas de Maria Auxiliadora - Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C 968 Maria Auxiliadora, Filhas

Culturas juvenis na ótica da educomunicação/.
-- Brasília, DF: EDB , 2014.

138 pp
Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7741-268-6

1. Educomunicação - Escola. 2. Educação -
Comunicação. 3. Salesianidade. 4. Educador
- Formação. I Título

CDD 371.33

CDU 316.75

37.013

Índice para catálogo sistemático

1. Educomunicação - Escola
2. Educação - Comunicação.
3. Salesianidade

Todos os direitos reservados à
EDITORA DOM BOSCO
SHCS CR – Quadra 506 – Bloco B
Sala 65 – Asa Sul – 70350-525

Revisão : Zeneida Cereja da Silva
Diagramação : Helkton Gomes
Capa: Herbert Barbosa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
------------------------	----------

CAPÍTULO I – CULTURAS JUVENIS SOB O FOCO COMUNICACIONAL.....	13
---	-----------

1.1. Culturas Juvenis	13
1.2. Cenário comunicacional nas culturas juvenis	17
1.2.1. A Igreja no cenário comunicacional	21
1.2.2. A Família Salesiana no cenário comunicacional	23

CAPÍTULO II – EDUCOMUNICAÇÃO, UM NOVO CAMPO TEÓRICO.....	26
---	-----------

2.1. Conceito de Educomunicação	26
2.2. Sentido da Educomunicação na sociedade do conhecimento.....	31
Formação de interlocutores nos processos educomunicacionais	36
2.3. Áreas de Intervenção	37

CAPÍTULO III – EDUCAÇÃO PARA A COMUNICAÇÃO	41
---	-----------

3.1. Evolução dos meios de comunicação.....	42
3.2. Evolução do conceito de comunicação	44
3.3. Ecossistemas comunicacionais.....	48

3.4. Educar para a comunicação num ambiente salesiano	51
---	----

CAPÍTULO IV – EDUCAR PARA EXPRESSÃO E

ARTE.....	56
4.1. A arte como forma de comunicação	56
4.2. A arte como fenômeno cultural	59
4.3. A arte na perspectiva salesiana	63

CAPÍTULO V – EDUCAR PARA MEDIAÇÃO

TECNOLÓGICA	67
5.1. Bases Conceituais.....	67
Conceito de Tecnologia	68
Conceito de Mediação	69
Mediação Tecnológica.....	70
5.2. Novas tecnologias e educação	72
Geração digital	74
A Geração dos Novos Pátios	78

CAPÍTULO VI – GESTÃO DA COMUNICAÇÃO .. 83

6.1. Política Informativa.....	84
6.2. O Gestor em Comunicação.....	86
6.3. Comunidade educativa em processo de gestão comunicacional.....	90

CAPÍTULO VII – CIDADANIA COMO PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA	96
7.1. Conceito de cidadania	96
7.2. Cidadania, juventudes e políticas públicas.....	99
7.3. Juventude e participação social	101
7.4. Cidadania sob a ótica do Sistema Preventivo	106
CAPÍTULO VIII – A COMUNICAÇÃO NA PERSPECTIVA DO SISTEMA PREVENTIVO.....	112
8.1. Sistema Preventivo em D. Bosco	112
8.2. Sistema Preventivo e Cidadania – “Bom cristão e honesto cidadão” em tempos de pós-modernidade.....	115
Cidadania evangélica na ótica de Jesus.....	117
Cidadania na ótica de D. Bosco e Madre Mazzarello	119
Humanismo cristão, salesiano na perspectiva da cidadania.....	122
CONCLUSÃO	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	125

INTRODUÇÃO

Diante das necessidades de aprofundar as culturas juvenis num mundo cada vez mais midiaticizado e tecnológico, a Educomunicação surge como uma resposta aos anseios dos educadores e das necessidades juvenis atuais.

A Educomunicação é um novo campo teórico que se encarna na cultura atual, e deve ser aprofundada para alimentar o pensamento compartilhado, fortalecendo a capacidade de interagir com um mundo marcado por múltiplas competências. A finalidade é preparar-se para reler continuamente as culturas juvenis, buscando sempre novas respostas que mantenham viva a nossa significatividade carismática. (Gong 4)

Segundo Ismar de Oliveira Soares, Educomunicação significa um campo emergente de atividade entre a comunicação social e a educação, que se volta para a implementação de programas e projetos, com o objetivo de ampliar a capacidade de expressão dos indivíduos. “Com isso permite o diálogo e o compartilhamento dos contrários, e derruba o paradigma do conhecimento neutro. E esse processo permite o acesso e uso de tecnologias”. Segundo ele, a meta é o exercício da cidadania, mediante a gestão compartilhada e democrática.

Foi na dinâmica do compartilhamento que a Ecos-Brasil, Equipe de Comunicação Social Brasil, viveu uma forte experiência de abertura recíproca, de seriedade, de comprometimento com o aprofundamento do tema “Culturas juvenis na ótica da educomunicação à luz do Siste-

ma Preventivo”, desenvolvido a longo prazo pelas participantes, através de pesquisas, estudos e produção de textos partilhados para uma análise conjunta. Foram selecionadas cinco áreas específicas nas quais é possível desencadear processos educacionais: Educar para a Comunicação; Mediação tecnológica; Expressão comunicativa através das artes; Gestão comunicativa; Cidadania como prática educacional.

‘O horizonte juvenil no qual atuamos e para o qual existimos é prioridade absoluta. Os nossos interlocutores privilegiados nos interpelam, hoje como sempre, com as suas linguagens. A nós cabe a resposta educativa, considerando a nova identidade deles e a cultura na qual estamos todos inseridos (Cf. Dicastério para a comunicação social FMA, Mulheres em Rede, Gong 1. Roma, Instituto das FMA, 1994, 5). O percurso realizado exprime o empenho de agir na missão educativa em sintonia com a nova cultura, conscientes de que “acompanhar os jovens quer dizer não só conhecer as suas potencialidades e carências, os contextos de vida, mas aceitar mudar com eles” (Instituto FMA, LOME, 15).

As Linhas Orientadoras da Missão Educativa das FMA apresentam o cenário mundial, propondo quatro perspectivas de leitura e atuação: cultural, evangelizadora, social, comunicativa. Elas não podem ser vistas isoladamente. Há uma forte interlocução entre elas. Entretanto, vamos nos deter na perspectiva comunicativa, tendo como foco as Culturas Juvenis na ótica da Educomunicação à luz do Sistema Preventivo, tema motivante desta pesquisa.

O texto apresenta reflexões teóricas e conceituais pertinentes. O desafio é contribuir para o debate educomu-

nicacional para o enriquecimento da prática pedagógica. Não é um manual de instruções e/ou atividades, mas é um suporte que proporciona pistas de ação que podem ser pensadas a partir de diferentes contextos.

O objetivo deste trabalho é abrir horizontes aos educadores para uma reflexão em relação à cultura comunicacional e como esta interfere diretamente nas culturas juvenis. Tomando como centro as juventudes, são propostas linhas de reflexão para uma releitura das áreas de intervenção da Educomunicação à luz do Sistema Preventivo.

No Capítulo I – CULTURAS JUVENIS SOB O FOCO COMUNICACIONAL – apresenta-se uma visão da realidade juvenil, seguindo-se uma abordagem do cenário comunicacional nas culturas juvenis, enfocando a Igreja e a Família Salesiana nesse cenário.

No Capítulo II – EDUCOMUNICAÇÃO, UM NOVO CAMPO TEÓRICO – parte-se do conceito de Educomunicação, enfatizando o Sentido da Educomunicação na sociedade do conhecimento, na formação de interlocutores mediada pelas áreas de intervenção, como portas de ingresso ao universo das práticas educacionais.

No Capítulo III – EDUCAÇÃO PARA A COMUNICAÇÃO – destaca-se a evolução dos meios e do conceito de comunicação, seguindo-se uma abordagem sobre Ecossistemas comunicacionais e a comunicação no sistema salesiano.

O Capítulo IV – EDUCAR PARA EXPRESSÃO E ARTE – aborda as relações entre arte e comunicação, faz uma reflexão sobre a arte enquanto fenômeno cultural e a arte numa perspectiva da educação salesiana.

O Capítulo V – EDUCAR PARA MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA – apresenta um panorama dos desafios que rodeiam o universo juvenil contemporâneo com a chegada das novas tecnologias. Este capítulo, portanto, ressalta os conceitos de tecnologia, mediação, mediação tecnológica, adentrando no campo das novas tecnologias e educação.

O Capítulo VI – GESTÃO DA COMUNICAÇÃO – apresenta uma reflexão sobre a Gestão comunicativa, ou seja, o modo de ser e de fazer caracterizado por ações conjuntas, associadas e articuladas, tendo presente o perfil do gestor e a formação da equipe diretiva.

O Capítulo VII – CIDADANIA COMO PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA – salienta a cidadania no contexto intercultural, relacionando-a com o carisma salesiano. São discutidos os conceitos de cidadania, juventudes e políticas públicas, juventude e participação social, concluindo com a reflexão sobre Cidadania sob a ótica do Sistema Preventivo.

O Capítulo VII – A COMUNICAÇÃO NA PERSPECTIVA DO SISTEMA PREVENTIVO – desenvolve os seguintes aspectos: Sistema Preventivo em Dom Bosco, Sistema Preventivo e Cidadania; “Bom cristão e honesto cidadão” em tempos de pós-modernidade e Cidadania evangélica na ótica de Jesus.

O estudo apresentado não pretende ser uma resposta pronta aos desafios da educação da juventude, mas ser um suporte que provoque o diálogo e a busca conjunta diante dos desafios que a sociedade atual apresenta.

CAPÍTULO I – CULTURAS JUVENIS SOB O FOCO COMUNICACIONAL

Tendo presente que é possível fazer inúmeras abordagens a respeito do fenômeno juvenil, é importante esclarecer os conceitos básicos que nortearão as reflexões em torno desta questão. O conceito chave para todo o estudo desenvolvido é o de culturas juvenis que será visto a seguir.

1.1 - Culturas Juvenis

Quando se pensa em Juventude nos dias de hoje, é imprescindível tomarmos como ponto de partida a realidade em que ela se insere e ter presente as mudanças e transformações pelas quais a nossa sociedade vem passando. Acolher o jovem de hoje implica saber escutar, ouvir o que dizem e o que não chegam a dizer, implica perceber as inquietudes, inseguranças, incertezas e questionamentos que emergem do mundo que os rodeia.

O trabalho com os jovens é sempre desafiador e dinâmico, traz em si algo de encantador e questionador. Em tempos de pós-modernidade, quando as mudanças se dão num ritmo muito acelerado e as referências simbólico-culturais não possuem mais a solidez de outros tempos, o desafio se torna ainda maior.

Em geral, a UNESCO aponta como jovem a pessoa entre 14 e 24 anos, mas os últimos estudos sobre juventude preferem alargar a faixa etária até 29 anos, englobando também os chamados “jovens adultos”, visto que algumas características são comuns a este grupo. O Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE) do Brasil adota como base

a faixa etária de 15 a 29 anos também. A juventude é a fase em que a pessoa começa a se inserir no mundo adulto, é o momento da vida em que precisa fazer escolhas, começa a exercer a autonomia, e ao ingressar na sociedade, passa a encaixar-se ou não nos parâmetros preexistentes.

A Juventude não pode ser vista como um momento de crise, ou de trânsito entre a infância e a idade adulta, ela tem sua importância em si mesma. Os jovens são sujeitos, possuem identidade própria e, portanto, não é possível reduzi-los a um “vir a ser”; eles são atores sociais com suas dificuldades, incertezas, angústias, mas são.

Tendo presente estas questões, no atual momento histórico, é mais coerente falar em “Juventudes” ou ainda em “Culturas Juvenis” ao invés de “Juventude”. Não é um bloco de pessoas uniforme, modelado e padronizado. São pessoas concretas inseridas num mundo pós-moderno, polifônico, pluralizado e multicultural. É preciso considerar os jovens conectados na moda, estudantes, globalizados, mas temos que considerar também o jovem da periferia, desconectado, excluído, local; as diversas tribos urbanas, cuja ligação se dá pelos diferentes interesses e modos de ver o mundo; o jovem trabalhador que com pouca idade ingressa no mercado de trabalho, mesmo sem estar preparado; e ainda há as minorias socioculturais, constituídas por diversos aspectos que nem sempre consideramos. Fica difícil falar em Juventude diante da tamanha complexidade deste quadro.

Embora a juventude tenha características comuns que a definem:

“A realidade social demonstra, no entanto, que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc”.¹

O modo como cada um vivencia o ser jovem está ligado à posição sociocultural que ocupa, às oportunidades de estudo, trabalho, inserção ou exclusão que encontra neste mundo globalizado, midiático, com diferenças que persistem e se cristalizam cada vez mais. “(...) *não há uma cultura juvenil unitária, um bloco monolítico, homogêneo, senão culturas juvenis, com pontos convergentes e divergentes, com pensamentos e ações comuns, mas que são, muitas vezes, completamente contraditórias entre si.*”²

Mais do que uma fase transitória da vida, a juventude é hoje um “estado” de vida, não é um período preparatório para o futuro, mas é um universo “presente” que não apenas é influenciado pela cultura vigente, como também influencia e é capaz de questionar, provocar e causar grandes mudanças na sociedade.

¹ ABRAMOVAY, Mirian; ESTEVES, Luis Carlos G.; ANDRADE, Eliane R. (org.). **Juventudes: Outros olhares sobre a diversidade.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007. (Coleção Educação para todos) p. 21.

² Ibid., p. 25.

Neste sentido, é importante perceber o jovem enquanto “sujeito social”, como alguém que vai se construindo através das relações sociais e que nesta dinâmica também constrói história.

Se for tomado como princípio estudar a Juventude como bloco homogêneo, facilmente será reduzida a um conjunto de características que a sociedade “adulta” criou em torno do jovem. Historicamente o jovem foi visto como audacioso, com dificuldade de enquadrar-se nos padrões sociais vigentes, como subversivo, instável, levado pelas paixões e impulsivo ao momento. De certa forma, nas grandes revoltas, movimentos populares e momentos de crise social, o jovem tem sempre um papel ativo que explicita a sua dificuldade em se enquadrar na sociedade da qual passa a fazer parte.

Existem abundantes estudos e pesquisas que procuram analisar o jovem nesta perspectiva de exclusão, de alguém que está à margem da sociedade. Os meios de comunicação, em especial, os filmes, as novelas, os noticiários comumente associam a juventude à ideia de violência, contravenção, reforçando a visão de juventude enquanto “problema”.

Geralmente quando se fala em juventude, associa-se o jovem a modelos fragmentados como alguém consumista, ou então, no outro extremo, associa-se o jovem à violência, à exclusão, tomando como ponto de partida aquilo que a sociedade não é capaz de lhe oferecer, entrando aí questões como desemprego, criminalidade, tráfico de drogas, gangues, educação de baixa qualidade e uma infinidade de outras questões que se ligam ao universo juvenil e que tam-

bém são fragmentadas. É preciso, porém, um olhar mais abrangente que vá ao encontro das múltiplas e variadas culturas juvenis que não limitem a compreensão das Juventudes a algumas características comuns e simplistas. Falar em “Culturas Juvenis”, portanto, permite perceber a juventude como um processo totalizante aberto às condições socioculturais de um determinado tempo e espaço.

O Jovem é porção preciosa que Deus confia aos cuidados educativos do carisma salesiano. O trabalho iniciado por Dom Bosco e Madre Mazzarello vem se perpetuando e à medida que se distancia no tempo e no espaço da realidade inicial vivida pelos fundadores, novos desafios, novas necessidades e novos olhares vão se constituindo, *“As jovens e os jovens, especialmente os mais pobres são a riqueza e o tesouro maior que Deus nos confia. São o lugar teológico, a terra santa onde Ele nos fala convidando-nos à conversão para viver a preventividade como renovada aliança com Ele e com todas as pessoas corresponsáveis pela missão educativa.”*³

1.2. Cenário comunicacional nas culturas juvenis

Quando se fala do cenário comunicacional das culturas juvenis, toca-se um desafio antropológico com repercussão nas inúmeras facetas das relações: pessoais, interpessoais, sociais, virtuais. Diz respeito à esfera da identidade da pessoa, do jovem, à ambiência na qual ele está inserido. Onde estão presentes os jovens hoje? E como estão presen-

³ INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. Atos do XXII Capítulo Geral do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, Lorena, Instituto Santa Teresa, 2009, p. 31.

tes? Estas indagações têm uma forte significatividade para a missão salesiana na educação dos jovens. O texto, em preparação ao Capítulo Geral XXIII das FMA, questiona: “Como educar a geração do virtual, a geração “invisível” do celular, do computador, das *social network*?”

O cenário comunicacional encontra-se com o cenário educativo e apela para uma construção e uma visão de conjunto sobre as juventudes.

“A juventude experimenta inúmeros estilos de vida. Ela trafega por diferenciações sucessivas, busca sempre quebras de paradigmas a fim de construir “mundos melhores”. O movimento juvenil que está sendo delineado nesse início do século XXI é direcionado para identidades abertas, contraditórias, fragmentadas, negociadas”⁴

Faz-se necessário um aprofundamento, como família salesiana, cujo carisma nos aponta para um horizonte sempre mais comprometido com a educação dos jovens. Esse compromisso requer de todos formação, tempo, sensibilidade, presença que acompanha os jovens em sua formação integral.

As juventudes são um cenário que apresenta multiplicidades. Constroem-se nos diversos movimentos culturais, sociais, econômicos. Elas imprimem suas singularidades pelas posturas éticas, pela criatividade de suas músicas, de sua arte, pelas imagens que criam, pelas diversidades de expressão, pela construção cultural nas redes sociais.

⁴ HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 46.

Foca-se aqui o cenário comunicacional percebido e construído pelos jovens:

“A relação natural entre os jovens e as novas mídias alimenta cada vez mais o gosto e o interesse por ser sujeito. Eles se sentem motivados pelos desafios que esse novo universo comunicacional impõe. Conhecem e dominam as linguagens das novas mídias mais que os próprios pais e educadores, e isso os torna socialmente fortes e valorizados. Nessa realidade, criam um novo modo de se relacionar e de assumir compromissos com a família, com a educação, com a sociedade, com a Igreja, com o ambiente”⁵

Neste cenário, a postura do educador, como mediador da formação, acompanha o jovem no exercício audaz da cidadania. O desafio para o educador é olhar este cenário como terra de missão; portanto, faz-se necessário apropriar-se das novas linguagens, do conhecimento desses novos espaços comunicativos, das novas tecnologias marcadas pela velocidade das informações. Devido à constante mutação, em conjunto, geram novos conceitos antropológicos, sociais, novas visões de mundo, novas necessidades de relação e expressão, exigindo do educador uma maior flexibilidade e lucidez diante deste cenário.

As redes sociais são a nova ambiência dos jovens, espaço real e não fictício marcado por novas formas de socialização.

⁵ CNBB. Campanha da Fraternidade 2013: Juventude e Fraternidade, edições CNBB, Brasília, 2013, nº 43.

“O novo jeito de o jovem ser e interagir tem suas raízes nessa comunicação em rede. Ele respira e vive na chamada ambiência midiática, uma teia de novas tecnologias em que se pode ser, rapidamente, ouvido, visto, considerado. Comunicar não é, portanto, apenas uma questão instrumental, mecânica, unidirecional, é inter-relacional, é “vida”. Mesmo os mais pobres, privados desse acesso e participação, são atingidos por essa realidade e provocados constantemente a fazer parte desse ambiente.”⁶

É importante propiciar aos jovens uma formação que consolide seu protagonismo nas redes sociais, como sujeitos produtores de uma cultura que revele suas raízes, e sua capacidade de criticidade como agente de transformação na sociedade.

Segundo Spadaro,

“é necessário, hoje mais do que nunca, amadurecer uma integração salutar entre a nossa vida cotidiana e as potencialidades que são proporcionadas pelo ambiente “virtual”. A internet não deve ser configurada como um substituto alienante da realidade, mas um local capaz de incrementar a vida ordinária e, portanto, também a vida de relacionamentos. [...] Paradoxalmente as redes de contatos sociais podem ser um perigo e interromper a interação social real. Nesse sentido, a rede permanece sempre, e de qualquer maneira, um desafio”.⁷

Desta forma, o espaço das redes sociais, indo além do contato cotidiano e informal, pode ser um espaço edu-

⁶ Ibid. nº 36 e 37.

⁷ SPADARO, Antonio. *Web 2.0 Redes Sociais* – Paulinas, São Paulo, 2013.

cativo, lugar de formação das novas gerações, de construção do protagonismo juvenil, construção do conhecimento coletivo, mobilização social, e na diversidade dos espaços culturais, configurando-se como novas praças comunicacionais de relações humanizantes.

1.2.1. A Igreja no cenário comunicacional

A Igreja percorreu um caminho processual de acolhida e inserção no mundo da comunicação nos novos espaços e pode-se perceber nos documentos eclesiais que esses abordaram e ampliaram o conceito de comunicação. A comunicação, inicialmente vista como um meio de propagação da fé, passou por um processo de inculturação nesses novos espaços digitais, ampliando as formas de relacionamento e interatividade sobretudo com as novas gerações.

Diante deste mundo pós-moderno a Igreja tem rompido muitos de seus paradigmas, inserindo-se em novas categorias de linguagem, espaço e tempo típicos da cultura da comunicação. Este fenômeno de novas formas de relação com o transcendente se manifestam através de: capelas e velas virtuais, versões virtuais da bíblia e documentos, grupos de discussão, comunidades virtuais, difusão de mensagens religiosas, pedidos de orações *on-line*, contribuição com o dízimo, entre outros.

A Igreja, hoje, é consciente do cenário comunicativo que incide na experiência das pessoas, sobretudo dos jovens, possibilitando-lhes uma ampliação das potencialidades humanas. O Instrumento de trabalho *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã* reconhece que

“as novas tecnologias digitais deram origem a um verdadeiro e próprio espaço social, cujos laços são capazes de influir sobre a sociedade e sobre a cultura. A igreja soube entrar nestes espaços [...]. Verifica-se a necessidade de usar o novo espaço social que se criou com as linguagens e as formas da tradição cristã. Reclama-se a urgência de um discernimento atento e partilhado para intuir melhor as potencialidades que isso oferece em vista do anúncio do Evangelho”⁸

O documento de Aparecida, que olha os povos e a cultura latino-americana, professa seu empenho em formar discípulos e missionários também no campo da comunicação. Reconhece a necessidade da Igreja de conhecer as novas linguagens para favorecer uma maior humanização. Declara que essas novas linguagens configuram um elemento articulador das mudanças na sociedade. Reevoca a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* n° 45, no sentido de “difundir sem limites o campo de audiência da Palavra de Deus, fazendo chegar a Boa Nova a milhões de pessoas. A Igreja se sentiria culpada diante de Deus se não empregasse esses poderosos meios, que a inteligência humana aperfeiçoa cada vez mais”.

A Igreja, ao propor o tema *juventude* para a Campanha da Fraternidade de 2013, convida os jovens a serem evangelizadores dos jovens, colocando-se em atitude de entrega e serviço pela causa da evangelização, sendo o rosto de Deus para o mundo nos mais diversos espaços em que se encontram, entre eles, as redes sociais.

⁸ SÍNODO DOS BISPOS – XIII: A nova evangelização para a transmissão da fé cristã - *Instrumentum Laboris* – Assembleia geral ordinária – n° 28 – Paulinas – São Paulo – 2012 – pp. 54-55.

Os jovens são, hoje, neste contexto, os protagonistas por excelência. O Papa emérito, Bento XVI, convida a sociedade a entrar nesse espaço de modo ético e responsável:

“Convido os cristãos a unirem-se confiadamente e com criatividade consciente e responsável na rede de relações que a era digital tornou possível; e não simplesmente para satisfazer o desejo de estar presente, mas porque esta rede tornou-se parte integrante da vida humana. A web contribui para o desenvolvimento de formas novas e mais complexas de consciência intelectual e espiritual, de certeza compartilhada. Somos chamados a anunciar, neste campo também, a nossa fé: que Cristo é Deus, o Salvador do homem e da história, Aquele em quem todas as coisas alcançam a sua perfeição.”⁹

É importante habitar e ressignificar os novos Areópagos comunicacionais para que a missão educativo-pastoral seja cada vez mais eficaz e efetiva, trazendo uma resposta às necessidades juvenis contemporâneas.

1.2.2. A Família Salesiana no cenário comunicacional

Tendo presente o atual contexto sociocultural e eclesial, a Família Salesiana é chamada a repensar sua prática educativa a partir dos novos cenários comunicacionais. A prática educativa de Dom Bosco sempre teve a preocupação com a questão comunicacional em vista da missão educativa evangelizadora.

A Família Salesiana, inserida na Igreja, assume o compromisso de acompanhar os jovens na cultura midiática, buscando elementos para repensar a comunicação com

⁹ CNBB. Campanha da Fraternidade 2013: Juventude e Fraternidade, edições CNBB, Brasília, 2013, n° 39.

as características do espírito de Mornese e de Valdocco, dentro da ótica do sistema preventivo.

As Linhas orientadoras da missão educativa das FMA para a comunicação

orientar as comunidades educativas a assumir com maior consciência os aspectos comunicativos do Sistema Preventivo, a entrar com inteligência e competência na nova cultura digital, para dar um aporte significativo à qualidade da comunicação. As novas linguagens tecnológicas requerem educadoras e educadores capazes de captar suas potencialidades de humanização e, ao mesmo tempo, de evidenciar seus pontos vulneráveis para ajudar os jovens a utilizá-las de modo crítico e criativo. A tarefa da comunicação é de decisiva importância no anúncio explícito de Cristo. O contexto cultural em que nos encontramos requer uma fé robusta, uma adesão convicta ao Evangelho e uma especial capacidade comunicativa.¹⁰

A sociedade espera uma visibilidade fecunda do carisma salesiano, que se traduza num testemunho de presença, para *ser com os jovens casa que evangeliza*. Casa educocomunicativa. Casa do anúncio de relações fraternas e humanizantes no estilo de Mornese e Valdocco, nos novos cenários de nosso século. E neste cenário, sermos portadores credíveis da Boa Notícia de Jesus – caminho, verdade e vida. E vida em abundância para todos, especialmente para os jovens.

Conforme as diretrizes para a Congregação dos Salesianos de Dom Bosco:

¹⁰ INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. “Para que tenham vida e vida em abundância”- LOME- Linhas Orientadoras da Missão Educativa das FMA. Turim: Elledicci, 2005, nºs 55-56.

“As novas vocações de consagrados e as gerações de adolescentes e de jovens aos quais somos enviados pertencem a uma nova era e a um novo continente no qual vivem. Mesmo nós e os nossos colaboradores, queiramos ou não, vivemos dentro desse continente, compreendendo e usando as diversas tecnologias e linguagens. Encontramo-nos diante da mais bela e mais desafiadora oportunidade de evangelização-educação, a do continente mais salesiano porque é o continente que congrega mais adolescentes e jovens e que tem maior necessidade de atualização e aplicação do Sistema Preventivo, onde a manifestação do amor de Deus é mais indispensável: o continente digital, no qual convivem da mesma maneira ricos e pobres, crentes e agnósticos.”¹¹

O cenário comunicacional das culturas midiáticas hoje – novos pátios habitados e construídos pelas novas gerações – convoca as diferentes presenças salesianas a serem capazes de uma escuta profunda para aprender, iluminar, orientar, acompanhar. E, com os jovens, “*sermos casa que evangeliza*”¹² e “*testemunhas na radicalidade evangélica*”¹³(?). Ser casa onde se evangeliza, e ser com os jovens discípulos missionários que anunciam pelo testemunho a Boa Notícia do Evangelho da Alegria, comunicada com a vida no exercício cotidiano da mística e da profecia.

No próximo capítulo a Educomunicação será abordada nos seus aspectos conceituais, suas áreas de intervenção contextualizadas na ótica das culturas juvenis.

¹¹ Plasencia. Filiberto González PSDB - Conselheiro Geral para a Comunicação Social - Roma, Itália – 31.01.2011. Diretrizes para a Congregação Salesiana. SISTEMA SALESIANO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Segunda Edição. Roma – 2011 – Disponível no Site: http://www.sdb.org/pt/Dicasterios/Com_Social/Doc – Acessado em 22 de agosto de 2013.

¹² INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. Carta de convocação para o XXIII Capítulo Geral do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, 2013.

¹³ CG XXVII-SDB.

CAPÍTULO II – EDUCOMUNICAÇÃO, UM NOVO CAMPO TEÓRICO

Este capítulo parte do conceito de Educomunicação, do seu sentido na sociedade do conhecimento, e enfatiza a formação de interlocutores mediada “pelas ‘áreas de intervenção’ como portas de ingresso ao universo das práticas educacionais”¹⁴.

2.1 – Conceito de Educomunicação

Da aproximação da educação e da comunicação nasce um novo campo com múltiplos olhares focados no sujeito, abrindo possibilidades de construir sentidos novos, de reconfigurar novas rotas sociais e alargando a amplitude de exercícios da cidadania.

Paulo Freire¹⁵, cuja filosofia assenta-se em princípios éticos, afirma que “a medida da condição básica para a conscientização é que seu agente seja um sujeito, isto é, um ser consciente”. A conscientização em Educação é um processo específico e exclusivamente humano. É como seres conscientes que mulheres e homens estão não apenas no mundo, mas com o mundo, sendo esses capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformar o mundo através da ação, captar a realidade e expressá-la por

¹⁴ SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 47.

¹⁵ MORIN, Edgar. O método, vol.4. As ideias, seu hábitat, sua vida, seus costumes, sua organização. Rio Grande do Sul: Sulina, 1997, p. 65.

meio de uma linguagem criadora. Desta forma, consciência e ação sobre a realidade são inseparáveis do ato transformador pelo qual homens e mulheres se fazem seres de relação.

Ao enunciar a palavra comunicar-se, Freire assume o entendimento de uma filosofia educacional necessária e irrevogavelmente voltada para a comunicação entre os homens, inspirada nas experiências culturais. O pensamento freireano obteve difusão e repercussão mundial, pois abriga a proposta de que a Educação deve ser um processo libertador, revelador e habilitador, uma permanente descoberta, um movimento e um embate para e pela liberdade.

Edgar Morin propõe repensar a Educação a partir do que ele próprio considera como um saber necessário para enfrentar, no século XXI, o que seriam as incertezas cognitivas e históricas. Morin ainda argumenta que conhecer e pensar “não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza”¹⁶. A sua argumentação vai no sentido de que o conhecimento, que é compreensível, baseia-se na empatia e na comunicação, que ligam as emoções para abrir-se em direção ao complexo. Sabe-se que Educação e comunicação nunca estiveram tão entrelaçadas como nos tempos atuais.

Embora possa parecer aos tradicionalistas um simples modismo entre tantos que surgem a cada dia, a Educomunicação consolida-se rapidamente como novo e importante campo de pesquisa teórica e aplicada, uma área do saber que busca responder às permanentes indagações decorrentes do impacto das novas tecnologias e

¹⁶ Ibid. p. 21.

dos avanços científicos nos diferentes espaços do convívio social.

A inter-relação entre Comunicação e Educação é entendida como um campo de diálogo entre as duas disciplinas, um espaço para o conhecimento crítico e criativo, de interatividade, um lugar em que se pode viver e expressar a cidadania e a solidariedade. É um espaço interdisciplinar e transdisciplinar, um processo comunicativo e educativo, que se baseia em novas concepções de sujeito, espaço, tempo; em uma nova construção do pensamento e ação. É o conjunto das escolhas, das políticas e das ações que uma comunidade educativa planeja, coloca em ação e, por fim, avalia o porquê dos processos projetados, das estratégias escolhidas e das produções organizadas. Tende a criar e reforçar ecossistemas comunicativos em todos os ambientes, sejam eles “reais” ou “virtuais”.

Trata-se de um

“processo educativo [...] a partir de concepções do mundo, teorias sobre a comunicação e filosofias da educação; fundamentalmente uma utopia que se universaliza e que não consiste em outra coisa que motivar as pessoas a que se descubram como produtoras de cultura, a partir da apropriação dos recursos da informação e da comunicação social”¹⁷.

Nesse novo campo transitam [...]

“situações novas que encontram sua expressão teórica mais avançada em uma compreensão da cultu-

¹⁷ CHASQUI, Nro. 58, Revista Latinoamericana de Comunicación. Quito, 1997 (Artículo Editorial), in ALVARRACÍN, Germán Parra. Bases epistemológicas de la educación. Definiciones y perspectivas de su desarrollo. Ediciones ABYA-YALA, Quito: 2000, p. 145.

ra como configuração histórica dos processos e das práticas comunicativas. Essas que necessitam, mais do que nunca, articular os saberes quantitativos a um conhecimento qualitativo capaz de decifrar a produção comunicativa de sentido, toda a trama de discursos que ela mobiliza, de subjetividades e de contextos, em mundo de tecnologias midiáticas, cada dia mais densamente incorporadas à cotidianidade dos sujeitos e cada dia mais descaradamente excludentes dos direitos das maiorias à voz e ao grito, à palavra e à canção”¹⁸.

O conceito de Educomunicação entendido por Soares é:

[...] conjunto das ações inerentes ao planejamento, à implementação e à avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádio educativos, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros de coordenação de Educação a distância ou *e-learning* e outros.¹⁹.

Para esse autor, a inter-relação Comunicação e Educação trabalha

“a partir de um substrato comum que é a ação comunicativa no espaço educativo, ou seja, a comunicação interpessoal, grupal, organizacional e massiva promovida

¹⁸ MARTÍN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações; comunicação, cultura e hegemonia. Prefácio à 5ª Ed. Espanhola. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

¹⁹ Ver: Disponível em: <http://www.pucsp.br/tead/n1a/artigos2/artigo2b.htm>.

com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas comunicativos, através da atividade educativa e formativa”.²⁰

Soares acredita que esses ecossistemas seriam o conjunto das formas de comunicação que possuem a função de levar a comunicação a todas as partes e sob as mais diversas expressões, utilizando-se, inclusive, de todos os recursos colocados à disposição pela modernidade tecnológica.

A Educomunicação vem firmando-se no Brasil como campo epistemológico entre pesquisadores e tem seus estudos ampliados e sistematizados principalmente pelo Núcleo de Comunicação e Educação - NCE da Escola de Comunicações e Artes da USP (Universidade de São Paulo), sob orientação do professor Ismar de Oliveira Soares. A pesquisa, realizada de 1997 a 1999 (SOARES, 1999), entre estudiosos e profissionais de Comunicação e de Educação do Brasil e de toda a América Latina e, confirmada nos anos seguintes, mostrou que o campo da inter-relação Comunicação/Educação legitima-se como importante novo campo interdisciplinar de ação e reflexão frente ao desenvolvimento da sociedade midiática, das novas tecnologias da comunicação e da informação e do deslocamento da escola como fonte privilegiada do conhecimento.

A Educomunicação fundamenta-se na convicção de que a pessoa humana é um ser em relação e na constatação de que, hoje, em termos de educação, está-se diante de um novo sujeito com uma nova percepção de espaço, de tempo e de ação. A comunicação é compreendida, então, como um

²⁰ SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. Revista Comunicação & Educação nº 19, São Paulo, Segmento/ECA/USP, ano 7, pp. 12-24, dez. 2000.

componente do processo educativo, uma modalidade dialógica, uma forma de relação estratégica que se estabelece entre a educação e a própria comunicação.

Pensar a comunidade educativa como espaço educacional requer pensá-la coletivamente, como um palco de polifonias, onde todas as vozes têm sua expressividade e legitimidade. Os atores sociais que a constroem são responsáveis por redesenhar seu futuro de ambiências de novas aprendizagens para educadores, crianças e jovens. Desaprender será um exercício cotidiano para abrir espaço a novas construções. Nada disso é mágico e instantâneo. Requer inaugurar novas posturas de gestão do conhecimento, requer planejamento e intencionalidade, requer posturas políticas, requer entusiasmo para continuar sonhando espaços de aprendizagem como lugares de pessoas felizes e conscientes.

2.2. Sentido da Educomunicação na sociedade do conhecimento

As recentes tecnologias permitem a criação de redes sociais e experiências de virtualidade que possibilitam caminhos hipertextuais e ciberespaciais. Elas remetem a uma rede sistêmica que vai se consolidando pela presença de novos atores e interlocutores. Esses novos interlocutores são o objeto de interesse do novo campo da educomunicação, visto que ela se caracteriza pela busca permanente de respostas teóricas e práticas às complexas questões presentes nas condições de vida da sociedade contemporânea.

Se olharmos atentamente os espaços em que habitam os jovens atores-interlocutores de nossa sociedade, percebemos o quanto a Educomunicação abre horizontes

vastos, plena de propostas humanizantes, políticas, éticas para a construção de novos cidadãos. Nos processos educacionais, a educação é assumida como um percurso comunicativo que precisa ser construído, analisado e avaliado permanentemente, para que as pessoas se descubram como produtoras de cultura a partir da apropriação crítica dos recursos da informação e da comunicação social.

Daí a natureza essencialmente relacional da Educomunicação que implica a construção de ecossistemas comunicativos abertos, colaborativos, democráticos, que favorecem a comunhão, facilitam a aprendizagem e o pleno exercício da cidadania. Ela é um novo âmbito de intervenção social com finalidade muito clara: colocar a educação e a comunicação a serviço do desenvolvimento social e individual do ser humano para construir, em conjunto, um planeta mais habitável e solidário para todos.

Os cenários educativos são desafiados pelas inúmeras tecnologias que, dia após dia, tornam-se mais avançadas. Não é possível conceber, hoje, um ambiente educativo sem pensar nas novas tecnologias. Faz-se necessário, portanto, estabelecer políticas que venham propor a utilização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) a favor de quem intervém no processo de comunicação com o objetivo de alargar os espaços de expressão da vida.

Atualmente, a demasia de informação requer processos de escolha, de seleção, de pesquisa, de maturação para traçar alguns caminhos e chegar a uma comunidade educativa mais dialógica e participativa.

Para repensar a educação, torna-se necessário refletir sobre o processo de globalização da economia, da cultura e das comunicações, pois o mundo está em ritmo acele-

rado de mudanças. Nas sociedades pós-modernas, o avanço tecnológico na produção e na transmissão de bens culturais vem possibilitando a democratização do acesso aos meios de comunicação.

Conceber a educação na cultura midiática é acolher o novo sujeito que habita uma teia de novas relações regida pelo paradigma de rede:

“A dimensão aberta da rede fascina e envolve. A velocidade das conexões, a possibilidade ininterrupta de interação, a multiplicidade das relações são prospectivas nodais para dar início a processos de educação, à comunicação autêntica em conjunto, entre nós e os jovens.”²¹

Nesse contexto, nasce o conceito de Educomunicação, entendido, nas suas ações, sob a perspectiva da gestão comunicativa: “a organização do ambiente, a disponibilidade dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de educação comunicacional.”²²

Isso implica em buscar a descentralização de vozes, a dialogicidade, a interação. As relações devem buscar equilíbrio e harmonia em ambientes onde convivem diferentes atores, não apenas no mundo tecnológico, mas em todas as esferas. É fundamental, ainda de acordo com o autor, pensar na qualidade das relações interpessoais do processo, visto que não podemos desconsiderar que, antes de tudo, temos seres humanos que estão interagindo uns com os outros.

²¹ INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. GONG 5- Na cultura da Comunicação: Um mapa para orientar-nos, Roma, 2012, p. 25.

²² SOARES, Ismar de Oliveira. Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, Maria Aparecida (org.). Gestão de Processos Comunicacionais. São Paulo: Atlas, 2002.

Essa posição está lastreada em Paulo Freire (1979), para quem a comunicação é fundamental nas relações humanas assim como a inter-relação de seus elementos básicos no processo educativo. Para haver conhecimento, é necessária uma relação social igualitária e dialogal entre os sujeitos, que resulta em uma prática social transformadora. “A Educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.”²³ Para Freire, a dialogicidade, como essência da Educação Libertadora, apresenta algumas características importantes: a colaboração (a ação dialógica só se realiza entre sujeitos), a união (fundamental para a consciência de classe ou de grupo), a organização (momento da aprendizagem em que se busca transformar) e a síntese cultural (instrumento de superação da cultura), ideias também basilares da Educomunicação.

Por sua vez, Jesús Martín-Barbero articulou o conceito de ecossistema comunicativo, não apenas confirmado pelas tecnologias e meios de comunicação, mas também pela trama de configurações constituída pelo conjunto de linguagens, representações e narrativas que penetra em nossa vida cotidiana de modo transversal²⁴.

Educar na era da informação é orientar-se mais à sensibilidade que à racionalidade abstrata. A educomunicação propicia a harmonia da racionalidade com a sensibilidade, porque olha o sujeito pós-moderno, imerso na cultura midiática, como sujeito capaz de negociar sentidos, atribuir

²³ FREIRE, Paulo (1979). Extensão ou Comunicação . Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 69.

²⁴ MARTÍN-BARBERO, artigo disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comeduc/article/view/36920/39642>.

significações, tecer relações, ser sensível à realidade, buscando sua transformação. “*A web contribui para o desenvolvimento de formas novas e mais complexas de consciência intelectual e espiritual, de certeza compartilhada*”.²⁵

A Educomunicação produz novos agenciamentos, enunciativos e inclusivos, que se movimentam em vários âmbitos, atravessam as possibilidades, as margens, as redes, produzindo comunicação.

“O desafio é fornecer coordenadas para que aprenda a navegar na complexidade e na interconexão, amadureça uma mentalidade crítica, reflexiva, capaz de escolher, de denunciar e de defender valores de uma cultura a serviço da vida, que se habilite na acolhida de si mesmo, no encontro positivo com os outros (gêneros, povos, culturas) e com Deus.”²⁶

Em síntese, pode-se afirmar que a Educomunicação procura melhorar e fortalecer a qualidade comunicativa das ações humanas, sendo seus pressupostos: a comunicação dialógica; a ética da responsabilidade social na produção de cultura; a escuta ativa e criativa por parte do sujeito; a política que propõe a utilização dos meios de informação em favor de quem intervém no processo de comunicação com o objetivo de alargar os espaços de expressão.

Nesse sentido, a Educomunicação, na sociedade do conhecimento, permite ao sujeito produtor transitar com maior competência, flexibilidade e autonomia, no contexto de múltiplas informações.

²⁵ Bento XVI. Mensagem para 45º Dia das Comunicações Sociais, 2011.

²⁶ INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. GONG 5 – Na cultura da Comunicação: Um mapa para orientar-nos, Roma, 2012, p. 27.

Formação de interlocutores nos processos educacionais

O objetivo é oportunizar uma reflexão crítica da historicidade dos processos educacionais, visando uma formação humanista dos atores sociais, que tem como um de seus principais pilares a realização de uma práxis voltada para a diversidade.

Numa sociedade plural, inclusiva e participativa, mais do que nunca é necessário oferecer a todos os cidadãos, principalmente aos jovens, as competências necessárias para ressignificar a informação como sujeito produtor, capaz de ter um distanciamento em vista de um agir ético, comprometido e responsável na sociedade do conhecimento.

[...] Aprender a direcionar o conhecimento com profundidade e a estabelecer inter-relações com o universo; aprender a trabalhar em equipe qualificando-se para intervir nas situações concretas da vida; aprender a conviver, [...] realizando projetos comuns que propiciem a solidariedade, o humanismo, o pluralismo, a paz; aprender a ser pessoa em liberdade, autonomia, responsabilidade pessoal e social, a comunicar-se oferecendo a verdade de si mesmo e acolhendo a verdade do outro.

Manter um diálogo permanente com a sociedade e com as novas tecnologias da comunicação para resgatar o espírito humanista e formar cidadãos atentos para a solidariedade planetária, para a cooperação e para a ética da responsabilidade social.²⁷

A educação parte da formação do sujeito interlocutor capaz de:

²⁷ Cfr. MOREIRA, MH. O. cit. Rede Salesiana de Escolas (org) ECOSAM-Proposta de Educação para a Família Salesiana, p. 44.

- Converter-se em um provocador de interrogações;
- Valorizar e possibilitar o diálogo entre culturas e gerações;
- Inspirar-se nos fundamentos da interatividade, criando e mobilizando ambientes;
- Captar as potencialidades de humanização das novas linguagens tecnológicas;
- Gerenciar e construir conhecimento;
- Ser sujeito atuante, ativo, participativo na cultura da convergência;
- Tecer redes colaborativas na sociedade em que vive, atua e transforma.
- Criar e fortalecer ecossistemas comunicativos.

Os processos educomunicacionais contribuem com a formação de interlocutores e oferece condições para uma releitura da realidade num horizonte de solidariedade, igualdade e transformação social, com o exercício efetivo de cidadania.

2. 3. Áreas de Intervenção

A Educomunicação possibilita várias áreas de intervenção. Diante dos cenários socioculturais contemporâneos, verificou-se a necessidade de abordar as seguintes áreas.

Educação para a comunicação: compreende o estudo e os fundamentos teóricos do fenômeno da comunicação. Tem por objetivo formar interlocutores sociais responsáveis, participativos, críticos e criativos, promotores do acesso de todos aos recursos da comunicação e sua utilização como

meio de expressão dos indivíduos e grupos sociais. Processo que tornará possível uma comunicação dialógica, capaz de estabelecer relações interpessoais humanizantes.

“Esta área tem por objetivo a compreensão do fenômeno da comunicação, tanto no nível interpessoal e grupal quanto no nível organizacional e massivo. E consequentemente se volta para o estudo do lugar dos meios de comunicação na sociedade e seu impacto. Faz-se presente, entre outros modos, pela implementação de programas de recepção pedagogicamente organizados, fundamentados na contribuição das ciências humanas”²⁸.

À medida que a relação educativa cotidiana responde ao critério de igualdade, responsabilidade, liberdade e ética, os processos de educação para a comunicação podem tornar possível um mundo mais solidário e inclusivo.

Expressão comunicativa através das artes: conforme SOARES: “a área comunicativa através das artes está atenta ao potencial criativo e emancipador das distintas formas de manifestação artística na comunidade educativa, como meio de comunicação acessível a todos”²⁹.

No decorrer dos tempos, o ser humano expressou seu ser e seu pensamento através da arte em todas as suas manifestações. Nesta área, duas dimensões devem ser consideradas: a educação à harmonia, à beleza, à estética como parte constituinte da pessoa, da sociedade e da convivência; e a reflexão, a valorização e o acompanhamento de todas aquelas expressões próprias de um novo modo de compre-

²⁸ SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 47.

²⁹ Ibid, p. 47.

ender o mundo e de se relacionar consigo mesmo, com os demais e com o ambiente.

Mediação tecnológica na educação: propõe à comunidade educativa a utilização dos recursos tecnológicos a partir de uma perspectiva cidadã e de um olhar diferenciado sobre o novo sujeito mediado pelas novas tecnologias.

Segundo SOARES a área da mediação tecnológica na educação:

“preocupa-se com os procedimentos e as reflexões sobre a presença das tecnologias da informação e seus múltiplos usos pela comunidade educativa, garantindo, além da acessibilidade, as formas democráticas de sua gestão. Trata-se de um espaço de vivência pedagógica muito próximo ao imaginário da criança e do adolescente, propiciando que não apenas dominem o manejo dos novos aparelhos, mas que criem projetos para o uso social das invenções que caracterizam a Era da Informação. Esta área aproxima-se das práticas relacionadas ao uso das Tecnologias da informação e Comunicação (TIC), sempre que entendidas como uma forma solidária e democrática de apropriação dos recursos técnicos.”³⁰

As Novas Tecnologias dão passo a uma nova cultura que abre novas possibilidades de aprendizagem multidisciplinar a partir de redes colaborativas, da interconectividade, da interatividade, da democratização do uso dos meios e do acesso à informação.

Gestão dos processos comunicacionais: requer intencionalidade de planejamentos, de abordagens científicas,

³⁰ Ibid. p. 48.

de metas e estratégias ancoradas no conhecimento da realidade da comunidade educativa.

“Esta é uma área voltada para o planejamento e a execução de planos, programas e projetos referentes às demais áreas de intervenção. Aponta inclusive indicadores para a avaliação de ecossistemas comunicacionais. Nesse sentido passa a ser uma área central e indispensável, e é necessário que tenha a presença de um especialista, de um “gestor” afim. A este cabe a tarefa não só de incentivar os educadores para que façam a melhor opção em termos das áreas de intervenção, mas também de suprir as necessidades do ambiente no que diz respeito aos espaços de convivência e às tecnologias necessárias”.³¹

A gestão dos processos comunicacionais tem em vista a formação de políticas de comunicação embasadas na circularidade das relações, incidindo significativamente na convergência de ações que contribui para a construção do ambiente educativo.

Educação para o exercício da cidadania: o exercício da cidadania, sob o foco comunicativo, tem como meta a construção de sujeitos engajados em ações concretas, capazes de favorecer mudanças significativas na sociedade em que vive.

A educação para o exercício da cidadania tem em vista proporcionar condições para o desenvolvimento do protagonismo dos atores sociais, de modo que possam analisar criticamente a sociedade e atuar de forma participativa e cooperativa nas diferentes instâncias públicas e privadas.

³¹ Ibid. p. 48.

CAPÍTULO III - EDUCAÇÃO PARA A COMUNICAÇÃO

A educação para a comunicação diz respeito ao estudo e à compreensão dos processos da educação humana e do fenômeno da comunicação social, identificando “o lugar que ocupam na sociedade, seu impacto e as implicações que derivam da comunicação mediatizada.”³²

Com um caráter teórico-prático e com um objetivo de formar interlocutores sociais, educar para a comunicação é potencializar a criatividade e a criticidade bem como a capacidade de expressão dos indivíduos e grupos sociais, por meio do acesso democrático aos recursos midiáticos.

Tendo presente a dimensão comunicacional das relações interpessoais enquanto espaços educativos, considera-se que a “dimensão relacional pertence à natureza mesma da educação salesiana e está na raiz de qualquer processo de comunicação social. Os meios não criam a comunicação, simplesmente potencializam esta característica inerente à natureza humana”³³.

Os ambientes educativos dos tempos atuais precisam ser espaços de colaboração mútua, de troca de saberes, de articulação entre as diferentes linguagens, inclusive no que se refere às mídias digitais. Além de uma prática pedagógica eficaz, é necessária a intencionalidade educomuni-

³² REDE SALESIANA DE ESCOLAS (org). Educomunicação: desafio à família Salesiana. 1ªed. Brasília: CIB-CISBRASIL, 2010, p. 37.

³³ Ibid. p. 37.

cativa que favoreça a concretização de um ecossistema rico de relações e seja favorável ao desenvolvimento do jovem de uma forma integral.

Para compreender a importância da comunicação como prática educativa, é importante que se faça uma breve leitura histórica da evolução dos meios e do conceito de comunicação.

3.1. Evolução dos meios de comunicação

Conforme *GIOVANNINI, Giovanni*, organizador da obra “*Evolução na comunicação*”, 1987, o homem, desde os primórdios da civilização, traz dentro de si o desejo de comunicar-se, e a necessidade de propagar ideias, persuadir e informar o que fizeram e fazem, ainda hoje, a buscar formas e meios de comunicação cada vez mais eficazes e interativos.

O homem da Era Paleolítica deu o ponto de partida para a evolução da história da Comunicação Interpessoal com os chamados desenhos Pictóricos, encontrados em suas cavernas.

Bem mais tarde, no Oriente Médio, batizado de berço da civilização moderna, há o surgimento da escrita, do papel, e como consequência de diversas ciências, podendo ser considerada a primeira grande revolução na área da comunicação. O desenvolvimento da escrita possibilitou ao ser humano armazenar e transmitir conhecimento de uma geração para a outra de forma muito mais rápida e eficaz. Por muito tempo aprender a ler e escrever foi sinal de *status* e de poder.

Mais tarde, o alemão Johann Gensfleisch Gutenberg, no século XV, entre 1438 e 1440, aperfeiçoou os tipos móveis, criados pelos chineses, os primeiros a imprimir livros. O sistema de prensa tipográfica, inventada por ele, é considerada a origem da comunicação de massas por constituir o primeiro método prático de difusão de ideias, informações e saberes a partir de uma única fonte.

A imprensa foi uma das responsáveis pelo grande desenvolvimento industrial e comercial europeu, pelo interesse dos leitores pelos assuntos públicos, pela politização do povo, podendo ser considerada a segunda grande revolução comunicacional.

Já na segunda metade do século XIX, após a evolução e massificação da comunicação escrita, outros meios começam a surgir e se popularizar, facilitando os processos de comunicação e dando forte impulso para o progresso do conhecimento humano.

Há uma sucessão de inovações na área da comunicação, que passam pela invenção do telégrafo (Samuel Morse- 1833), da fotografia (Joseph Nicéphore- 1825), do telefone (Alexander Bell- 1860), da lâmpada elétrica (Thomas Edison- 1879), do cinema (Auguste e Louis Lumière- 1895), do rádio, (Guglielmo Marconi e Roberto Landell de Moura, patenteado por Marconi- 1896) e chega, um pouco mais tarde, a invenção da televisão (Vladimir Zworykin- 1924).

A terceira grande revolução da comunicação é potencializada pela invenção do computador em 1943. Inicialmente uma máquina gigantesca de cálculos com uso restrito em ações militares. Depois de passar por diversas

transformações, em 1971, surgiu o primeiro microcomputador, seguido de equipamentos cada vez mais adaptáveis e modernos que permitiram uma maior mobilidade.

Paralela à evolução dos computadores, está a Internet, desenvolvida, em 1969, como um sistema de comunicação entre as bases militares dos EUA, na época da Guerra Fria, conhecido como ArpaNet.

Com o passar do tempo a Internet foi sendo aperfeiçoada e popularizou-se cada vez mais, especialmente após a década de 90. Gradativamente se tornou indispensável no cotidiano da sociedade, pois estar conectado à rede mundial é possuir uma fonte inesgotável de conhecimento, de interatividade, entretenimento e, acima de tudo, de possibilidades de comunicação.

3.2. Evolução do conceito de comunicação

O século XIX, conforme Armand e Michèle Mattelart foi:

“um período de invenção dos sistemas técnicos básicos da comunicação e do princípio do livre comércio. O século XIX viu nascer noções de uma visão da comunicação como fator de integração das sociedades humanas. No início, centrada na questão das redes físicas e projetada no núcleo da ideologia do progresso, a noção de comunicação englobou, no final deste século, a gestão das multidões humanas. O pensamento da sociedade como organismo, como conjunto de órgãos desincumbindo-se de funções determinadas, inspira as primeiras concepções de uma “ciência da comunicação”³⁴

³⁴ MATTELART, Armand e Michèle – História das teorias da comunicação – Edições Loyola – São Paulo, 2003.

Neste contexto, as condições sub-humanas de vida e de trabalho do proletariado industrial levaram alguns pensadores a questionar a sociedade capitalista. No final do século XVIII, encontramos, no pensamento do economista e matemático Adam Smith (1723-1790), a afirmação de que a comunicação contribuía para a organização do trabalho coletivo no interior da fábrica e na estruturação dos espaços econômicos.

Armand e Michèle Mattelart afirmam que a divisão do trabalho e o modelo de fluxos materiais vão alimentar o modelo cibernético, fundado na noção de fluxos de *feedback* do dinheiro como informação, principalmente com as análises de John Stuart Mill (1806-1873).

Nesse período, conforme os autores consultados, surge um conceito de “rede” que terá papel de destaque no mundo da Comunicação, introduzido por Claude Henri de Saint-Simon (1760-1825). Numa releitura do social, parte da ideia do “ser vivo” dando origem à categoria de organismo de rede.

Na metade do século XIX, Herbert Spencer (1820 – 1903) amplia o conceito de Comunicação, percebendo-a como um sistema orgânico: um organismo integrado com funções definidas e interdependentes.

De acordo com a Professora Dra. Louise Lage Aqui, no artigo “O processo da Comunicação como possibilidade de prática social”: *“a comunicação passa a ser vista como componente básico dos dois aparelhos orgânicos – distribuidor (infraestrutura) e regulador (superestrutura). Ligada a esta vertente está a ideia de comunicação como de-*

envolvimento”³⁵ com o papel das informações (imprensa, petições, pesquisas) e do conjunto dos meios de comunicação que possibilita a gestão das relações complexas entre um centro dominante e sua periferia.

É confirmada a abordagem de Armand Matterlat e Michèle Matterlat de que a noção de sistemas técnicos básicos de comunicação e o princípio do livre comércio nasceram no século XIX como também as noções fundadoras de uma visão de comunicação como fator de integração das sociedades humanas, quando sustenta que “*no fim deste século, o modelo de biologização do social se transformou em senso comum, caracterizando a comunicação e o sistema como agentes de desenvolvimento e civilização.*”³⁶

Conforme Armand Matterlat e Michèle Matterlat, ao lado do aumento da população nas grandes cidades europeias neste século, surge, devido ao avanço tecnológico dos meios de comunicação, o conceito de massa, considerado ameaça real para a sociedade, exigindo o controle dos fluxos sociais.

No início do século XX, com Parks e Bugess surge uma nova linha de pensamento, originária da Escola de Chicago, que considera a Comunicação como base da organização social, abrindo para a possibilidade de compreensão da sociedade como um ecossistema e abrindo as portas para a evolução acelerada da Comunicação Social que registra, divulga a história e influencia a rotina diária, as relações pessoais e de trabalho.

³⁵ Disponível em: <http://www.louiselage.com.br/artigos/O%20processo%20da%20comunicacao%20como%20possibilidade%20de%20pratica%20social.pdf> acessado em 15 de janeiro de 2014.

³⁶ Mattelart, Michèle e Mattelart, Armand – *História das teorias da comunicação* – Edições Loyola – São Paulo, 2003, p. 20.

Esse breve percurso histórico do processo comunicacional permite entrar em novas abordagens sociais, culturais, educacionais, antropológicas da comunicação.

Interessa, neste momento, a aproximação da educação com a Comunicação, fruto de um longo processo de evolução do conceito de Comunicação.

Segundo Citelli:

“existem várias maneiras de trabalhar os vínculos da comunicação com a educação. Há o plano epistemológico voltado a indagar acerca do possível novo campo reflexivo e interventivo resultante dos encontros, desencontros, tensões entre os processos comunicacionais e a educação”.³⁷

Ainda no século XX, surgem as primeiras aproximações entre educação e comunicação a partir da prática pedagógica de Célestin Freinet. Mais adiante surgem outros pensadores que aprofundam esta relação, entre eles : Paulo Freire, Mario Kaplún, Jesús Martin-Barbero e Ismar de Oliveira Soares.

Mario Kaplún aponta a Comunicação Educativa como um conjunto de métodos e procedimentos que vão possibilitar ao sujeito o desenvolvimento da competência comunicativa, indo além, portanto, da concepção funcional dos meios de comunicação.

Conforme SOARES “*Os dois comunicadores – Freire e Kaplún – vinculam os espaços do contexto socio-cultural, da comunicada educação como uma relação, não como uma área que deva ter seu objeto disputado.*”³⁸

³⁷ CITELLI Adilson O; COSTA Maria Cristina C.(Orgs). Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento. São Paulo, Paulinas, 2011, p. 59.

³⁸ Ibid. pp. 23-24;

Dessa forma, o importante é a relação que se cria entre esses dois âmbitos que vão influenciar direta e efetivamente a construção do sujeito como ator social.

Para Martin-Barbero é de grande importância o conceito de “destempo”, ou seja, o conflito entre as diferentes temporalidades, provocado pelas diferentes formas de aprendizagem que se dão pelas diferentes gerações. Ele enfatiza que, na relação educativa, não há apenas um processo de quem ensina e de quem aprende, mas existe a possibilidade de cooperação em que se ensina e se aprende ao mesmo tempo. *“Os meios deslocam as fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, arte e ciência e possibilitam o exercício de um tempo virtual que libera o aqui e agora, inaugurando novos espaços e novas velocidades”*.³⁹

Seguindo esta linha de pensamento, o contemporâneo Ismar Soares, apoiado na teoria educomunicativa, fundamenta novas posturas teóricas e práticas, que encontram na relação da educação e da comunicação um suporte para uma educação cidadã emancipatória.

3.3. Ecossistemas comunicacionais

Dentro dessa aproximação da comunicação e da educação surge um conceito nodal: o ecossistema comunicativo.

Ecossistema vem do grego: *oikos* (οἶκος), casa + *systema* (σύστημα), sistema: o sistema onde se vive designa o

³⁹ Ibid.

conjunto formado por todas as comunidades que vivem e interagem em determinada região e pelos fatores abióticos, ou seja, desprovidos de vida, que atuam sobre essas comunidades.⁴⁰

ODUM, nos *Fundamentos da Ecologia*, apresenta sua definição:

“Qualquer unidade que inclua a totalidade dos organismos [isto é, a comunidade] de uma área determinada, interagindo com o ambiente físico de forma que uma corrente de energia conduza a uma estrutura trófica [relativa à nutrição], a uma diversidade biótica e a ciclomateriais [isto é, troca de materiais entre as partes vivas e não vivas], claramente definidos dentro do sistema, é um sistema ecológico ou ecossistema”.⁴¹

A pesquisadora Cristina Pontes Bonfiglioli aborda o conceito de Ecossistema educativo a partir de uma visão holística “*presentes na formação discursiva que produz significações sobretudo o que se refere ao cuidado com o planeta*”⁴². Já Martin-Barbero traça uma relação direta entre vida social e aprendizagem. Neste sentido o Ecossistema é “*formado por uma mistura de linguagens e de saberes que circulam por diversos dispositivos midiáticos intrinsecamente interconectados*”.⁴³

Para SOARES, o Ecossistema comunicativo é um termo usado “*como figura de linguagem para nomear um*

⁴⁰ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ecossistema> acessado em 20 de outubro de 2013.

⁴¹ ODUM, E.P. Fundamentos de ecologia. 6.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

⁴² SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação –, 2ª Edição, São Paulo, Ed. Paulinas 2011, p. 43.

⁴³ Ibid. p. 43.

*ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma estratégia de favorecer o diálogo social, levando em conta, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias.”*⁴⁴

A Família Salesiana entende os Ecossistemas comunicacionais como espaços educativos ancorados na pedagogia da bondade que tem como base a confiança no ser humano, sendo um elemento essencial da espiritualidade educativa salesiana. São intrínsecos aos Ecossistemas comunicacionais salesianos a escuta e a comunicação profunda, porque “educação é coisa do coração”, presença-assistência que cria clima de família, fruto da caridade pastoral.

“na visão salesiana, entendemos que o ecossistema comunicativo é o ambiente educativo, o clima de família, o trabalho em equipe. Cada obra nossa pode considerar-se um ecossistema no qual a Comunidade educativa, todos os ambientes educativos são elementos constitutivos essenciais e alimentam o clima que facilita o processo educativo”.⁴⁵

Quando se fala em Ecossistema de comunicação, está se fazendo referência ao sistema de situações, condições e ações que intervêm no processo educativo.

Portanto, falar de Ecossistema comunicativo não é referir-se apenas às novas tecnologias, ou meios de comunicação social, mas ao conjunto de linguagens, representações e narrações que influenciam a vida cotidiana.

⁴⁴ Ibid., p. 44.

⁴⁵ INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. GONG 5 – Na cultura da Comunicação: Um mapa para orientar-nos, Roma, 2012, p. 40.

Se focarmos o olhar sobre as culturas juvenis, é importante que os educadores se questionem em que plataformas comunicacionais os jovens convivem e, a partir desses novos “pátios virtuais”, como exercem a cidadania, e inevitavelmente vão se encontrar com as novas tecnologias.

Desta forma, conhecer a evolução das culturas juvenis é imprescindível para a construção dos Ecossistemas comunicativos. Cada vez mais, os jovens buscam novas propostas para a própria educação; portanto, o educador teve ter conhecimento do perfil das várias gerações para lhes apresentar propostas de acordo com a realidade atual.

3.4. Educar para a comunicação num ambiente salesiano

A construção de um Ecossistema comunicativo é o grande diferencial da educação salesiana proposta por Dom Bosco e continua até os dias de hoje pelos diversos membros da Família Salesiana.

Conforme o salesiano Afonso de Castro:

“Como Dom Bosco desejava, nas casas salesianas ou escolas deveria existir uma ambiência identificadora e propiciadora de relações transcendentais com todos pelo simples fato de aí estar, trabalhar, estudar ou viver. O estar ali já identificaria as pessoas e a qualidade das relações.”⁴⁶

⁴⁶ CASTRO, Afonso de. Carisma para educar e conquistar: espiritualidade, alegria e prazer na educação salesiana. São Paulo: Editora Salesiana, 2002, p. 172.

Dessa forma, o Ecosistema educativo num ambiente salesiano pode ser pensado em duas vertentes: no sentido das relações construídas e no sentido do espaço pensado e organizado de modo a favorecer a circularidade e dinamicidade das relações.

O educador salesiano é mais do que alguém com a capacidade de ensinar, é um emissor consciente de que no processo comunicativo a credibilidade da mensagem transmitida será maior tanto quanto for a intensidade do afeto, da *amorevolezza* que se deixa transparecer.

Não basta uma linguagem intelectual, técnica, é preciso que as mensagens transmitidas atinjam os sentidos do receptor, seja através de palavras, gestos, atitudes ou mesmo do testemunho do educador.

A *amorevolezza* é o diferencial que marca as relações de um ambiente salesiano, indiferente da cultura, da época, das idades, ou linguagens que se tornam cada vez mais múltiplas e diversificadas. A pedagogia da bondade é “aquilo que Dom Bosco pretendeu oferecer aos jovens e o método utilizado por ele para abrir as portas dos seus corações, conquistar a confiança deles e plasmar personalidades robustas do ponto de vista humano e cristão.”⁴⁷ Como dizia Dom Bosco: “Não basta amar o jovem, é preciso que ele saiba que é amado”.

Por outro lado, a organização dos espaços internos também tem um alto teor comunicativo. “As construções demarcam espaços afetivos e significativos. Deixam de ser simplesmente construções para significar especificamente o

⁴⁷ CHAVEZ. Pascual V. Estreia 2013. Como Dom Bosco ofereçamos o Evangelho da alegria mediante a pedagogia da bondade. Editora Dom Bosco. Brasília, 2013, p. 5.

lugar das relações pessoais ou grupais que sinalizam sentidos e horizontes a serem transpostos ou adquiridos.⁷⁴⁸

A capela, em lugar central, demonstra a presença constante e paterna de Deus. A presença de Maria e outros santos salesianos transmitem e comunicam que este é um ambiente onde se respira santidade, onde a proteção divina se manifesta sobre todas as pessoas que frequentam este espaço.

O pátio é o lugar do encontro, do diálogo, da proximidade entre educador e educando, espaço em que se tecem as relações fraternas, se vive o espírito de família manifestado pela alegria, pela cordialidade, pelos jogos e brincadeiras e pela conversa livre e descontraída.

Os escritórios não são espaços fechados de trabalho, mas lugar de diálogo e encontro, aberto ao jovem que tem acesso e possibilidade de proximidade com os educadores leigos ou consagrados.

As festas, as celebrações e os eventos diversos são momentos em que de uma forma especial os jovens podem comunicar e expressar tudo aquilo que aprenderam, podem aperfeiçoar suas habilidades comunicativas mediante diversificados contextos e situações de forma gradual, sistemática e integradora. “São eventos que revelam e educam para os compromissos e as relações; nesses períodos abrem uma suspensão dentro da rotina para revelar potencialidades despertadas pelos projetos”⁷⁴⁹

Neste aspecto, é importante que sejam propostas ações e projetos que ajudem os jovens a aprender a falar em

⁴⁸ Castro, Afonso de. *Carisma para educar e conquistar: espiritualidade, alegria e prazer na educação salesiana*. São Paulo: Editora Salesiana, 2002, p. 171;

⁴⁹ *Ibid.* p. 175.

público, como cursos de oratória, de liderança, de teatro, projetos interdisciplinares e extraclases que tenham como enfoque a educação para a comunicação; que melhorem as habilidades de escrita, de compreensão e de interpretação textual; que habilitem o jovem a interagir de forma crítica, criativa e competente com as novas linguagens e mídias.

O educar para a comunicação vai além do trabalho realizado com os jovens. É importante pensar também na intencionalidade comunicativa de todos os membros da comunidade educativa, para que estes possam ter um melhor desempenho nas relações interpessoais e isso facilite o processo de criação do ecossistema educocomunicativo esperado.

O estudo e aprofundamento da educomunicação com as equipes de direção, coordenação e corpo docente, ou seja, com as pessoas que estão à frente da comunidade educativa, é essencial para que se possa criar unidade e dinamicidade no trabalho.

A criação de um Ecossistema comunicativo, tipicamente salesiano, permeado pelos valores, espiritualidade, ética e compromisso cristão, fraternidade e solidariedade que devem caracterizar uma casa salesiana é compromisso de todos. Para chegar a este resultado é necessário que existam ações comuns e, ao mesmo tempo, é importante pensar em ações pontuais, sistemáticas e práticas que visem à educação para a comunicação, especialmente dos jovens.

Não se pode esquecer que tudo comunica algo maior. A forma como a recepcionista atende alguém ao telefone, a organização dos ambientes e a limpeza que é feita pela equipe de manutenção e limpeza, a postura do educador em sala de aula ou oficina, as atividades propostas, a

forma como são recebidas as crianças e os pais na chegada e saída da escola ou da obra; nas paróquias salesianas: a pastoral da acolhida, o dinamismo do oratório e das pastorais, a forma como as lideranças falam e interagem com os paroquianos, e assim uma série de outras coisas que são específicas de cada ambiente e/ou função.

Todo o empenho da comunidade educativa em criar um Ecossistema rico de comunicação será o suporte capaz de oportunizar ao jovem desenvolver-se enquanto sujeito criador de conteúdo, não sendo apenas um receptor passivo. O ideal educativo é que o jovem se torne um ator social capaz de produzir significado a partir daquilo que aprende, de negociar sentido com a sociedade em que está inserido, através de uma argumentação sólida, fundamentada em valores humanos e cristãos.

CAPÍTULO IV – EDUCAR PARA EXPRESSÃO E ARTE

A expressão comunicativa por meio das artes privilegia a educação para a beleza, para o reconhecimento das formas estéticas como parte constitutiva da pessoa humana, da sociedade e da convivência; cuida dos espaços de protagonismo e de expressão para redescobrir a palavra e as modalidades para comunicá-la aos outros⁵⁰. Esta área proporciona o desenvolvimento da transcendência e o crescimento individual e coletivo das pessoas envolvidas no processo e, de modo especial, do educando.

4. 2. A arte como forma de comunicação

O ato de comunicar, como sugere o significado da palavra, em latim *communicare*, implica *informar, participar*, estar em comunicação. Para que exista um processo de comunicação, é necessário ter um emissor, um receptor, uma mensagem e um meio ou suporte de divulgação.

Emissor ⇔ Mensagem ⇔ Meio ⇔ Receptor

No caso da arte, o esquema clássico de comunicação apresenta como emissor o autor, como receptor o observador/fruidor, como mensagem a obra, e como meio ou su-

⁵⁰ Conceito elaborado após reflexão conduzida no fim dos anos 90, pelas FMA da América Latina, com assessoria de Ismar de Oliveira Soares, estudioso brasileiro.

porte a forma na qual a obra é produzida. No entanto, hoje, se entende a comunicação como um processo dinâmico, dialógico, interativo, complexo e multidirecional potencializado pelas novas tecnologias. Em função das inovações tecnológicas, da dimensão da conectividade e do ambiente de rede do mundo pós-moderno, a arte também precisa ser entendida como o resultado de um contexto sociocultural que produz significações singulares para diferentes indivíduos.

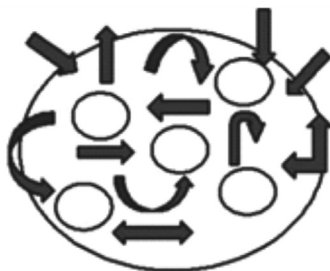


Imagem 1- Comunicação processual e multidirecional⁵¹

Existe uma estreita ligação entre arte e comunicação. A arte pode trazer indícios sobre a vida, a história e os costumes de um povo, inclusive dos povos e das nações já extintos. Assim, conhecemos várias civilizações através dos séculos por meio de sua arte, como a egípcia, grega antiga e muitas outras.

“A produção de arte em uma sociedade sempre esteve intimamente ligada às condições de possibilidade de discurso e percepção existentes nela. É que a experiência de “ver” e “falar”, segundo Deleuze (1987, p.9), é

⁵¹ BOMBONATTO, Vera Ivanise. Evangelizar é comunicar: fundamentação bíblico teológica da Pastoral da Comunicação. 1ª edição. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 28.

produzida historicamente e pode ser situada na relação mesma entre saber e poder. Portanto, a produção de arte pode ser considerada não exatamente como um espelho de uma sociedade, mas talvez como um mapa onde seria possível localizar os modos como os homens produzem seus valores, problematizam sua existência e, ao mesmo tempo, a transformam.”⁵²

Deste modo, através da arte é possível captar elementos distintos, fragmentos, características de uma determinada cultura ou sociedade que nem sempre são comunicados por meio de outras linguagens da época ou local. É, na verdade, uma experiência construída socialmente que expressa visões de mundo, forças sociais, políticas e religiosas, sendo um terreno complexo e ao mesmo tempo revelador de novas possibilidades.

Da mesma forma que a criação de uma obra está condicionada à sociedade em que está inserida, também a sensibilidade do observador/espectador ou o gosto individual por determinada expressão artística é o resultado de um processo de socialização do indivíduo em determinado tempo e espaço.

Embora os estilos, os critérios e as formas de expressão artísticas sejam o resultado de um processo sócio-histórico-cultural, é possível educar para a apreciação do belo, para a apuração da sensibilidade artística.

Zubiri falava da necessidade de cultivar, no âmbito educativo, a “inteligência do sentir”⁵³, no intento de valori-

⁵² Gonçalves, Fernando do Nascimento. Comunicação, cultura e arte contemporânea, disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_08/01FER-NANDO.pdf acesso em 15/01/2014.

⁵³ DUARTE, Gleuso Damasceno. Educomunicação: desafio à família salesiana. 1. Ed. Brasília: Cisbrasil – CIB, 2010. (Col. Literatura Salesiana – Vol. 5).

zar a razão e a sensibilidade, já que o ser humano aprende tanto pela percepção afetiva que tem da realidade, como pela capacidade de traduzi-la em conceitos abstratos.

Com a modernidade, a industrialização, o consumismo e principalmente a liberdade de expressão, as culturas juvenis articulam-se fortemente por meio da adoção de um estilo que é o principal caminho de construção identitária. Os jovens, marcadamente, constroem e expressam sua identidade com base nas complexas escolhas de consumo simbólico que estão à sua disposição no excitante mercado de imagens, símbolos, territórios, tatuagens, ideologias, referências, moda, objetos, estética, bebidas etc. Estes ‘meios de comunicação’ utilizados pelos jovens transformaram-se em uma forma de comunicar e afirmar sobre seus gostos, escolhas e valores.

No campo pedagógico, o educador deve ter presente a importância do resgate da arte erudita para uma releitura crítica da arte. Se por um lado a arte popular salienta uma dimensão estética, simbólica e cultural do ser humano de uma maneira mais ampla, a arte erudita suscita o conhecimento técnico marcado pela época, inovações conceituais e um olhar mais acurado da narrativa sobre o mundo.

4.2. A arte como fenômeno cultural

Embora a arte exista desde os primórdios da humanidade, o conceito clássico de arte vai se consolidar no Ocidente durante o período do Renascimento. Conforme o Prof. Fernando do Nascimento Gonçalves: “É nesse momento que surgem as noções do indivíduo moderno e da au-

toria e onde, por exemplo, a pintura deixa de ser religiosa e ritual para ser objeto estético, migrando da arquitetura para a tela, que se torna uma ‘janela’ que simula o mundo real.”⁵⁴

A arte passa a ser compreendida como objeto de apreciação, que deve ser contemplada como se estivesse revestida de uma auréola especial. Essa noção de arte vai perdurar até o início do Modernismo, quando essa “janela” se fecha e deixa de ser uma representação naturalista da realidade. A arte passa a ter sentido a partir de si mesma, de sua linguagem, inserida num mundo industrializado, massivo e eletromecânico.

Segundo os filósofos, Adorno e Horkheimer, a indústria da sociedade capitalista do século XIX transformou a arte em “mercadoria”, estando sujeita à lei da oferta e da procura e suprimindo o valor crítico sobre a arte erudita e popular, por não permitir a participação intelectual dos seus espectadores. Nesse cenário, em que se estimula uma visão passiva e acrítica ao disponibilizar ao público somente o que se quer, desestimula o interesse pessoal pela busca de novas experiências estéticas, assim como influenciou a moldagem para uma produção e consumo padrão e manipulação do comportamento em massa. Adorno afirma que a “indústria cultural impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente”.

Para Adorno, indústria cultural e cultura de massa por atingirem um grande número de indivíduos são capazes de obscurecer a percepção, podendo ser caracterizadas

⁵⁴ Gonçalves, Fernando do Nascimento. Comunicação, cultura e arte contemporânea, disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_08/01FER-NANDO.pdf acesso em 15/01/2014.

como mecanismo com o intuito de manipular a população e moldar para padrões predeterminados toda uma sociedade. Para ele, um exemplo disso é o cinema, que de lazer e arte tornou-se um meio de manipulação, portador de uma ideologia dominante.

Na *Teoria Estética*, obra em que Adorno tentará explicar seus pensamentos sobre a salvação do homem, ele dirá que não adiante combater o mal com o próprio mal. Exemplo disso ocorreu no nazismo e em outras guerras. Segundo ele, a antítese mais viável da sociedade selvagem é a arte. A arte, para ele, é que liberta o homem das amarras dos sistemas e o coloca como um ser autônomo, e, portanto, um ser humano. Enquanto para a Indústria Cultural o homem é mero objeto de trabalho e consumo, na arte é um ser livre para pensar, sentir e agir.

Partindo de uma abordagem sociocultural, novas visões em relação à arte tomam forma. Na contemporaneidade ao mesmo tempo em que se fala de morte das grandes narrativas, há quem fale também em “morte da arte”. Ainda conforme o Prof. Fernando do Nascimento Gonçalves “o que morre não é a arte em si, mas sua identificação com um relato oficial e uma experiência de arte que produz objetos auráticos concebidos para serem contemplados”.

Num tempo marcado pelo relativismo, fragmentação e liquidez, a arte também se apresenta de forma descontínua, híbrida, com novos parâmetros de percepção e discurso. Agora palavras, imagens, objetos, espaços, aparelhos eletrônicos se mesclam para criar novas expressões artísticas em que a conectividade e a interação são marcas de uma nova visão de mundo.

Na sociedade pós-moderna e polifônica, a arte pode ser um espaço de fuga, ou melhor, de brechas, onde o ser humano pode expressar sua própria visão de mundo, indo além dos modelos preconcebidos e estereotipados.

Além dos padrões de erudito ou popular, as novas tecnologias permitem o acesso aos bens artísticos, sua transmissão, transformação, recriação e interconexão. Essa quebra de paradigmas permite cada vez mais uma forte aproximação entre arte e comunicação, trazendo consequências sociais, religiosas, culturais e antropológicas.

“Os meios de comunicação social não só propagam as formas tradicionais de arte, mas também fazem nascer gêneros artísticos novos; a rede de comunicações abraça o mundo inteiro e duplica o processo de relações entre os povos. É normal, portanto, que tanto comunicadores como os seus destinatários procurem adquirir um gosto verdadeiramente universal; gosto que os torne aptos a apreciar e admitir tanto as formas tradicionais de expressão, como atuais; tanto as expressões de outros povos como as de outras culturas, ou mesmo de subculturas dentro de certas áreas de civilização.”⁵⁵

A comunicação e a arte se aproximam muito no sentido de expressar os valores da cultura, as experiências vividas, fazer uma releitura de discursos e práticas sociais que fazem parte do cotidiano do homem contemporâneo. Num mundo onde comunicação e informação são características marcantes, a arte como resultado de um processo de sociali-

⁵⁵ Comissão Pontifícia dos Meios de Comunicação Social. Instrução Pastoral *Communio et Progressio* – sobre os meios de comunicação social, Paulinas, 1971, São Paulo, SP.

zação não fica imune a estes aspectos, mas interage e recria a realidade a partir dos conceitos e objetos simbólicos que a constituem. Daí a dificuldade de enumerar e/ou estabelecer critérios de classificação para as diferentes manifestações da arte contemporânea.

4.3. A arte na perspectiva salesiana

No decorrer da História da humanidade, as artes tiveram um importante papel educativo e evangelizador. No começo do Cristianismo, especialmente na Idade Média e mesmo no Renascimento, as pessoas iletradas puderam conhecer Jesus Cristo por meio de desenhos, pinturas e esculturas permeados por uma rica simbologia e simplicidade. Dom Bosco, percebendo a importância da linguagem artística como instrumento educativo e evangelizador, soube utilizar os recursos de sua época para enriquecer o seu método educativo.

Tendo como base a RAZÃO, a RELIGIÃO e a *AMOREVOLEZZA*, a expressão comunicativa, por meio das artes, é concretizada no Sistema Preventivo pela vivência de intensa troca de experiências afetivas e efetivas em suas diversas manifestações artístico-culturais.

A arte se apresenta como instrumento eficaz no Sistema Preventivo desde que não seja apenas o fazer pelo fazer, mas sempre contextualizada, tendo presente a intencionalidade comunicativa. Dom Bosco, em seu oratório, valorizando o tempo livre para a educação, estimulava a participação dos jovens em atividades artísticas e culturais como a música, o teatro, a dança, entre outras expressões.

Os passeios animados, o teatro, as festas, a banda de música, os brinquedos alegres e variados faziam parte do seu calendário de trabalho na vida do oratório. Compreendeu e soube valorizar o jogo e o divertimento na vida do jovem. Afirma Dom Bosco: “Em todo jovem, mesmo no mais rebelde, há sempre um ponto acessível ao bem, e a primeira obrigação do educador é buscar este ponto, esta corda sensível ao coração e tirar bom proveito”.

Ao utilizar as diferentes manifestações artísticas, Dom Bosco não pensava apenas na questão educativa, mas tinha uma visão integradora da pessoa, tendo em vista a perspectiva social, evangelizadora e libertadora.

Conforme as *Memórias Biográficas*, em relação às apresentações teatrais, Dom Bosco queria que fossem boas, simples e breves; agradava-lhe que os jovens terminassem as noites com declamações de poesias ou competições artísticas, entremeadas de canto. Na verdade, dizia ele, não é nada fácil encontrar peças adaptáveis aos nossos ambientes, mas acreditava que a seleção de algumas delas bastavam para um triênio, porque os trabalhos mais apreciados poderiam ser repetidos numa mesma temporada. “Quando é que nos colégios as coisas simples desagradam? Geralmente em dois casos: quando são mal apresentadas ou quando corrompem o bom gosto dos jovens com representações espalhafatosas. As competições não apresentam variedade; mas ele dizia que podem tornar-se atraentes com sons e fundos musicais, e com os figurinos dos artistas.”⁵⁶

Assim como Dom Bosco, Madre Mazzarello e as Irmãs de Mornese tinham presente a dimensão comunicativa

⁵⁶ Cfr. MB- XII , pp. 134-135.

e o uso de diferentes linguagens e expressões artísticas para a educação das jovens. “A preparação da festa de carnaval, a aquisição de um pequeno órgão para atrair as meninas, são sem dúvida recursos comunicativos nascidos de um profundo desejo de entrar nas novas linguagens.”⁵⁷

Desde as origens do Instituto, houve uma grande preocupação com a formação educomunicativa por meio das artes. Basta lembrar as recomendações de Dom Cagliero em uma conferência às Irmãs, durante os exercícios espirituais de 13 a 20 de agosto de 1878. Dizia ele: “Não descuidem do estudo da música e do canto: pois é uma necessidade para quem pretende abrir institutos de educação. Após a escolha de Irmãs que tenham habilidade para tanto, providenciem que tenham tempo para dedicarem-se a esta tarefa.”⁵⁸

Como educadores salesianos e evangelizadores dos jovens, a Família Salesiana é filha e herdeira de um educador e de uma educadora que souberam valorizar todas as manifestações artísticas como um instrumento de educação.

Ainda hoje, as Constituições e os Regulamentos das Filhas de Maria Auxiliadora sinalizam a importância da formação numa linha educomunicativa. Os artigos 61 e 62 dos Regulamentos afirmam: “Através de uma educação sistemática prepararemos os jovens para se tornarem receptores críticos, livres e exigentes e para serem por sua vez animadores da comunicação dos valores culturais em linha cristã”. “Fiéis a uma característica da dimensão salesiana na educação para o uso do tempo livre, valorizaremos o teatro

⁵⁷ DMA- A comunicação na História do Instituto das FMA- p. 12.

⁵⁸ MACCONO Ferdinando: Santa Maria D. Mazzarello – Torino Istituto Figlie de Maria Ausiliatrice – volume secondo, 1960; Capo IV, p. 32.

e as expressões da arte em geral como resposta à necessidade de comunicação da juventude. Criaremos espaço para propostas e iniciativas culturais, artísticas, musicais, esportivas, fazendo disso oportunidades de encontro formativo.”

A arte é um instrumento fundamental na construção do Ecosistema educativo enquanto via privilegiada para formação da pessoa, proporcionando o desenvolvimento do gosto e a apreciação do belo. O cuidado com o ambiente físico manifestado nas ornamentações, nas frases poéticas, nas imagens e obras expostas, tanto no cotidiano como em eventos especiais, são uma forma de educar os jovens através das pequenas coisas.

A acolhida não se manifesta apenas pelo ambiente físico, mas pela aceitação do jovem com suas expressões sócio-artístico-culturais, o que implica capacidade de dialogar com as linguagens juvenis, de amar o que os jovens amam, de conhecer e interagir com a sua cultura. Isso não significa omitir um senso crítico sobre as culturas juvenis, mas ampliar os horizontes para que os jovens possam descobrir e valorizar as expressões culturais artísticas de gerações anteriores e/ou de grupos multiculturais e multirreligiosos.

Nesse sentido, o processo formativo do jovem, idealizado pelo sistema Preventivo, implica a utilização de uma metodologia lenta e paciente, que procura atingir o jovem em sua centralidade, ajudando-o a conquistar a unidade do ser. É a pedagogia do coração que o desperta para este centro vital, permitindo-lhe agir de forma crítica, criativa, ética e solidária.

CAPÍTULO V – EDUCAR PARA A MEDIÇÃO TECNOLÓGICA

A área de intervenção educomunicativa, mediação tecnológica na educação, é uma das vertentes nas quais o campo da Educomunicação se estrutura epistemologicamente e se encontra bastante evidenciada nos dias de hoje. O intuito ao abordar esse tema é refletir sobre a mediação das tecnologias digitais e eletrônicas de comunicação que modificam as formas de gestão da cultura, do entretenimento, da produção, da circulação e apreensão de sentidos. Tais tecnologias rompem temporalidades e espacialidades, constituindo o espírito desta época demarcada pela velocidade do deslocamento e fluidez da informação, alterando sensivelmente a noção de experiência e de adaptação ao mundo existente.

5.1. Bases conceituais

É importante apresentar alguns aspectos relacionados ao conceito e uso da “tecnologia” como mediação para a educação, e fazer uma abordagem sobre a sociedade do conhecimento nessa cultura da convergência “uma sociedade integrada com a capacidade de produzir, processar e disseminar o conhecimento”. Bem como aprofundar “os novos pátios”, espaço onde vivem as crianças, adolescentes e jovens, geração que usa os meios não só como passatempo, mas sabe usá-los também como exercício de solidariedade.

Conceito de Tecnologia

O conceito de Tecnologia somente adquiriu importância a partir do século XVIII. Nesse período teve início a primeira Revolução Industrial, responsável por relevantes transformações. No entanto, a discussão sobre Tecnologia veio a público somente após a 1ª Guerra.

Etimologicamente, a palavra Tecnologia é a conjugação dos termos *tecn(o)* e *lógia*, cuja origem provém da Grécia antiga. O termo *tecn(o)* surge do grego *techno*, de *techne* (técnica), expressando a ideia de arte ou habilidade. A partir do século XIX, na linguagem erudita, surgiu o termo *logia* que deriva do grego *log(o)*, significando palavra, estudo, tratamento ou conhecimento.

Na língua portuguesa, a palavra tecnologia é definida como o estudo especializado sobre os procedimentos, instrumentos e objetos próprios de qualquer arte, ofício ou técnica. Aristóteles, na sua obra *Retórica*, define técnica como um tratamento sistemático da gramática ou fala. Já o sociólogo contemporâneo, Robert Merton, define técnica como um conjunto qualquer de meios padrões para atingir um resultado predeterminado. Martin Heidegger, filósofo existencialista, considerou a existência de uma relação entre a tecnologia e a arte, na qual ambas eram eventos verdadeiros que permitiam aos entes existirem. O mesmo argumentava que a palavra grega *techne* tinha um significado ambivalente. A palavra *techne* pode ser interpretada através do termo *melete*, que expressa o cuidado necessário para preservar alguma “coisa”. Por outro lado, *techne* pode ser analisada de acordo com a palavra *poiesis*, que significa a produção ou a apresentação de alguma “coisa”.

A tecnologia é tida como um conjunto de conhecimentos e de práticas resultantes da mesma forma como vemos em dicionários de informática: “(1) Estudo e aplicação de técnicas e procedimentos relacionados a um determinado ramo de atividade [...] (2) Ciência que quantifica o desenvolvimento nos estudos de outras ciências, tais como a química, física etc”⁵⁹.

Assim, a tecnologia seria um conjunto complexo formado pelas artes e ofícios, interligados pelo conhecimento (saber) e pelo “saber-fazer”.

Estas características da palavra *techne* compreendem um conhecimento íntimo do que são, como Heidegger refere as “coisas”. Este conclui que a especialização na execução de uma determinada “coisa” só é possível, porque o artesão é dotado da *techne* de forma a poder desvendar ou proteger a criação dessa mesma “coisa”.

Conceito de Mediação

O uso do termo mediação refere-se às construções culturais e simbólicas, às ressignificações de um sujeito imerso em um contexto de globalização cultural, de multiculturalismo e de intertextualidade. Em nosso contexto particular, o uso pode passar por uma reapropriação para a utilização das novas tecnologias de comunicação digital interativa em rede, em especial a internet, para o processo de ensino-aprendizagem.

⁵⁹ SAWAYA, Márcia Regina. Dicionário de Informática & Internet. 3ª ed. São Paulo : Nobel, 1999, p. 464.

Parte-se do pressuposto de que o sujeito, que faz uso dos meios de comunicação de massa ou dos meios de comunicação interativos, integra uma comunidade, um grupo, um universo particular, tomando decisões de acordo com o contexto em que está inserido, negociando simbolicamente com os meios de comunicação.

As mediações, portanto, se referem às apropriações, recodificações e ressignificações particulares aos receptores. Portanto, reafirma-se que as mediações, posição de onde é possível compreender o intercâmbio entre produção e recepção, só podem ser pensadas como um processo contínuo no qual acontece a produção, a recepção, o meio e a mensagem, e a diversidade de contextos.

A mediação integra cultura e comunicação na processualidade do cotidiano, é a cultura vivida em sua dinâmica comunicativa. A interdependência dinâmica entre cultura e comunicação quer desfazer os vícios da sociologia, da semiologia e da abordagem informacional, oferecendo o conceito de mediação como o ponto fulcral de um sentido processado na comunicação.

Mediação Tecnológica

No capítulo sobre “Mediações tecnológicas e suas metáforas” do livro *Linguagens líquidas na era da mobilidade*, Santaella faz uma crítica sutil aos pensadores da comunicação, tanto aos otimistas quanto aos pessimistas.

A autora aborda, inicialmente, sobre a linguagem e as formas variadas de sua manifestação através dos meios tecnológicos. Segundo ela, a cada tempo, os meios tecno-

lógicos produziram formas diferentes de relacionamento e comunicação no mundo.

Outro aspecto trabalhado que merece atenção é o destaque entre mediação e linguagem. Conforme a autora, a linguagem tem uma relevância grande, a ponto de ser utilizada como fator fundamental na diferenciação entre tecnologia mediadora e não mediadora. Entretanto, a mesma defende a ideia de que as tecnologias mediadoras são, em sua essência, tecnologias de linguagem.

Outro ponto a considerar é a metáfora criada sobre os mundos paralelos: real e virtual. O mundo virtual é aquele que gira em torno dos computadores conectados em rede planetária Internet, um mundo a mais de atividades humanas – tanto de oportunidades quanto de ameaças ao mundo real. A sociedade gradativamente conectada em rede planetária criou a Internet. O mundo real tornou-se mais sofisticado pelo mundo virtual, surgindo assim, uma coexistência de duas realidades: virtualizada e territorializada. Hoje é irreversível a interdependência dos dois mundos projetada pelo próprio homem.

A denominada era da mobilidade evoca uma ampliação biológica que fornece às pessoas uma capacidade, até então, impossível de se experimentar. Ocupar vários espaços ao mesmo tempo através de um corpo que se multiplica e se fragmenta de acordo com as tecnologias que se usa.

Ainda diz Santaella, *“os jovens têm mentes distribuídas, são capazes de ver quatro telas ao mesmo tempo porque possuem uma atenção parcial contínua. Eles têm outro tipo de mente porque possuem a capacidade de se*

comunicar por vários canais”⁶⁰. Falando para uma plateia de professores, ela completa: o mínimo que a gente pode fazer é compreender o que há nesta capacidade (...) nos solidarizarmos, para ver qual participação podemos ter. Entender, por exemplo, que o jovem é um leitor imersivo, que navega e não grava na mente porque se utiliza de memória temporária. O jovem vai ligando fragmentos de informação, criando sintaxe hipermediática. É muito ativo, mas um pouco desmemoriado, explica Santaella, em seu livro *Navegar no ciberespaço o perfil cognitivo do leitor imersivo* da Editora Paulus.

De posse dessas informações, o educador pode descobrir como agir com a geração digital em contextos educativos.

5.2. Novas tecnologias e educação

Como as novas gerações produzem conhecimento? Em que plataforma comunicacional convivem? E a partir dos “novos pátios” virtuais, como exercem a cidadania?

O desafio que se apresenta aqui é buscar uma estreita interação entre as dimensões instrumental, conceitual, ética e estética das tecnologias da informação, comunicação e educação.

O cenário tecnológico é a nova plataforma onde se instauram as novas relações humanas, o conagraçamento de mídias, os exercícios de interatividade. Que novos sujeitos habitam esse cenário tecnológico? Esses sujeitos constroem uma cultura da convergência.

⁶⁰ SANTAELLA, Lucia. Linguagens líquidas na era da mobilidade. – São Paulo: Paulus. 2007.

Jenkins aponta que a convergência “refere-se ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação. Convergência define transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais”⁶¹

Daqui se depreende que participação, criação coletiva, troca de informações, cooperação são posturas que precisam ser potenciadas nesses sujeitos que transitam nessas plataformas tecnológicas.

Olhando para esse cenário, o foco não é a tecnologia, mas o sujeito mediado pela tecnologia. Formar esse sujeito é exigência fundamental. Passar do foco tecnológico à educação comunicacional é um desafio. A comunicação é vital nos processos educacionais. Fusari diz da necessidade de se: “construir conhecimentos sobre a produção social da comunicação cultural com mídias e multimídias”. (...) “Somos sujeitos comunicadores enraizados historicamente num contexto sociocultural. É a partir desse nosso existir que elaboramos nossas autorias comunicacionais em diferentes graus e modos de consciência, de saber, de atuação como pessoas, ao mesmo tempo emissoras e receptoras, nas tramas do processo comunicacional de cultura”⁶². Aproximar os campos da educação ao da comunicação já é crer nessa possibilidade de dialogação. É o que constatamos na geração digital.

⁶¹ JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Ed. Aleph, S.Paulo, 2009, p. 29.

⁶² FUSARI, M. *Multimídias e formação de professores e alunos*. Paper apresentado no VIIº ENDIPE. 1194, p. 6.

Geração Digital

Os jovens nascidos na “era virtual” trazem consigo informações, experiências e muita criatividade aliada à curiosidade. Entretanto por mais que se fale que a atual geração de crianças e jovens cresceu com a TV, com o vídeo, com o controle remoto, e mais recentemente com o computador, o tablet, a internet, o entendimento a respeito das mudanças propiciadas pelas novas tecnologias de comunicação, pelas mídias digitais e redes sociais está longe de ser suficientemente problematizada no ambiente educativo.

O Papa Emérito Bento XVI alerta que se vive hoje no Continente Digital e que as transformações profundas no campo da comunicação e das novas tecnologias não são passageiras nem superficiais. Elas atingem o tecido das relações humanas e as plataformas das estruturas sociais e culturais: “As novas tecnologias estão a mudar não só o modo de comunicar, mas a própria comunicação em si mesma”⁶³.

Com as novas tecnologias, o usuário tem aumentado a sua escolha e controle sobre os meios de comunicação, tornando-se capaz de não só participar, mas criar novas ferramentas. Nesse processo, o jovem como autor e produtor aprende, interage, comunica-se e se relaciona com grupos de amigos específicos para entretenimento e relacionamento por meio da rede midiática global.

⁶³ BENTO XVI. Mensagem para o 45º dia Mundial das Comunicações Sociais, 2011. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day_po.html.

Segundo Gildásio:

“Os jovens e as novas mídias formam uma ambiência. Eles vivem em rede. Essa nova geração está mudando o modo como as pessoas se relacionam, criando um novo jeito de viver por meio das tecnologias digitais.”⁶⁴

Aqueles que antes eram o público, agora são formadores de uma nova cultura midiática, cujos traços podem ser reconhecidos pela maneira como eles usam as ferramentas de comunicação enquanto usuários e produtores.

O conhecimento e a informação não se centram apenas na escola, mas nos múltiplos meios, nas múltiplas linguagens presentes na sociedade.

Com as novas mudanças tecnológicas começaram as associações entre o homem e a máquina, entre o real e o virtual, entre a palavra e a imagem, entre a educação presencial e a distância, com o objetivo de criar novas possibilidades de interação, conexão, pesquisa. Assim se desenvolveu a Sociedade do Conhecimento, principalmente, a partir da conexão dos computadores em rede, da Internet e das Redes Sociais. É fundamental reconhecer que a era digital vem se apresentando com uma significativa velocidade de comunicação. Nesse processo de enfrentamento oriundo do avanço da tecnologia, o espaço educativo não passa impune, como alerta Kenski:

“O estilo digital engendra, obrigatoriamente, não apenas o uso de novos equipamentos para a produção e apreensão do conhecimento de aprendizagem, novas racionalidades, novos estímulos perceptivos. Seu rápido alas-

⁶⁴ SOUZA Gildásio. Boletim Salesiano, 2012.

tramento e multiplicação, em novos produtos e em novas áreas, obriga-nos a não mais ignorar sua presença e importância.”⁶⁵

As diferentes tecnologias mediarão, com as relações sociais externas, o processo de internalização do conhecimento. As práticas sociais estabelecidas pela interação com as diversas ferramentas tecnológicas abrem caminhos e alargam as relações sociais, desafiando as formas de perceber as práticas educativas.

O reconhecimento da era digital como uma nova forma de categorizar o conhecimento não implica descartar todo o caminho trilhado pela linguagem oral e escrita, nem mistificar o uso indiscriminado de computadores, mas enfrentar com critério os recursos eletrônicos como ferramenta para construir processos metodológicos mais significativos para aprender. Precisa-se, portanto, levar em consideração que a tecnologia digital possibilita o acesso ao mundo globalizado e à rede de informação disponível em todo universo. O ambiente educativo passa a ser lugar privilegiado como ponto de encontro para acessar o conhecimento, discuti-lo, depurá-lo e transformá-lo. Kenski afirma:

“A tecnologia digital rompe com a narrativa contínua e sequencial das imagens e textos escritos e se apresenta como um fenômeno descontínuo. Sua temporalidade e espacialidade, expressas em imagens e textos nas telas, estão diretamente relacionadas ao momento de sua apresentação. Verticais, descontínuos, móveis e imediatos, as imagens e os textos digitalizados a partir da conversão

⁶⁵ KENSKI, Vani Moreira (1998). “Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente”. In.: Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago, 1998, n.º 8, p. 61.

das informações de bytes têm o seu próprio tempo, seu próprio espaço para a exposição. Eles representam portanto um outro tempo, um outro momento revolucionário, na maneira de pensar e de compreender.”⁶⁶

Os jovens passam a ser descobridores, transformadores e produtores do conhecimento. A qualidade e a relevância da produção dependem também dos talentos individuais que passam a ser considerados como produtores de inteligências múltiplas.

Segundo Gildásio Mendes:

“No cenário da cultura midiática, presenciamos uma aceleração contínua de novos comportamentos. Os jovens propõem uma nova linguagem na educação e na cultura, e novos meios de se relacionar com a família, com os amigos e com a sociedade. Esse novo modo de criar e recriar está relacionado com a articulação das linguagens nos diversos âmbitos da sociedade. Eles estão, por exemplo, criando uma nova linguagem na educação, demonstrando que é preciso um modelo interativo, participativo e inovador no modo de produzir conhecimento e empregá-lo na vida prática”⁶⁷.

É importante lembrar, porém, que não são as tecnologias que trazem essas mudanças, elas são canais por onde passam informações, proporcionam o crescimento e a multiplicação dos códigos e linguagem.

⁶⁶ KENSKI, Vani Moreira (1998). “Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente”. In.: Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago, 1998, n.º 8, p. 64.

⁶⁷ Souza Gildásio M. Boletim Salesiano, abril 2013.

“[...] não devemos cair no equívoco de julgar que as transformações culturais são devidas apenas ao advento de novas tecnologias e novos meios de comunicação e cultura. São, isto sim, os tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais.”⁶⁸

Portanto, as novas mídias representam um importante papel na vida do ser humano, dentre elas, a mídia digital é a de maior impacto. A linguagem dessa mídia, que chamamos de interface, possui uma relação com o homem mais do que uma ajuda para navegar pelo virtual, mas uma relação de extensão do homem dentro do mundo virtual. Nesse sentido, como educadores, como acompanhar pedagogicamente a nova geração em seus “Novos Pátios”.

A Geração dos Novos Pátios

É cada vez mais claro que hoje existe uma geração diferente de jovens e crianças em relação às décadas anteriores. As novas gerações já nasceram num ambiente digital, marcado pelas novas tecnologias da informática, pelas novas possibilidades de relacionamento, convivência, construção do conhecimento e inserção na sociedade.

Os jovens, com o auxílio do digital, deslocam conceitos de um lugar para outro, importam e exportam estilos

⁶⁸ SANTAELLA, L. Das culturas das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. Revista FAMECOS, nº 22, p. 24, dez., 2003.

de vida entre grupos, cidades, países e continentes. A internet tornou-se para eles o “Novo Pátio”, ou seja, o espaço do encontro virtual no qual compartilham informações, fotos, vídeos, baixam aplicativos etc. O pátio das rodas de amigos para conversar, jogar, tocar, brincar deu espaço ao “Novo Pátio” virtual que através da interface do celular, *tablet*, *smartphone* e *ipod*, e nela os jovens estão constantemente conectados.

Deixam de ler os jornais impressos para navegar nos sites, para criar, remodelar, montar, editar, socializar em rede. Têm dificuldade de pensar de modo linear e cartesiano. Os jovens utilizam linguagens digitais (imagem, som, interatividade) e as redes como forma de construção do conhecimento e enciclopédias de informação.⁶⁹

Acrescenta Gildásio: “não existe protagonismo juvenil sem o reconhecimento da nova linguagem usada por eles.”⁷⁰ Os jovens e as novas tecnologias formam uma teia complexa e imensa de interatividade. Os jovens exigem cada vez mais um falar e ouvir, ouvir e falar, onde o diálogo nasce e cresce a partir da relação natural de interagir. Esta interatividade está presente no seu protagonismo na música, na arte, no esporte, no trabalho e na educação. Ao interagir com pessoas no ambiente educativo e no trabalho, eles estão exigindo cada vez mais mudanças.

Bento XVI, em sua mensagem para o dia das Comunicações Sociais de 2013, propôs como tema: “*Redes sociais: portas de verdade e de fé...*”, e convoca os educadores/as a entrarem sempre mais como pessoas de fé no vasto mundo da Rede, que ele considera um novo espaço de evangelização.

⁶⁹ Gildásio Mendes. BS, 26 de abril de 2013;

⁷⁰ Ibid.

Embora a geração dos novos pátios tenha características muito específicas e nem sempre se encaixe nos antigos padrões de expressão e vivência religiosa, constata-se um grande e profundo interesse pela espiritualidade, muitos jovens compartilham mensagens, imagens, filmes com caráter religioso. Desta forma, a Internet torna-se um novo campo de missão, um novo areópago que precisa ser evangelizado, compreendido e assimilado pelas pessoas que trabalham com a juventude.

Com o desaparecimento das barreiras físicas de tempo e de espaço, as novas gerações possuem grande facilidade para desenvolver trabalhos colaborativos, formar novas comunidades virtuais, ou ciberespaços, locais de encontro, confronto, diálogo, expressão das próprias necessidades e desejos de uma forma mais livre e acessível.

Nesse contexto, é fundamental que a ação evangelizadora possa alcançar as novas gerações, cada vez mais difíceis de serem encontradas nos pátios físicos dos ambientes educativos. O novo desafio é justamente encontrar uma forma adequada de navegar nesses novos pátios, tendo em vista uma educação na perspectiva evangelizadora, solidária e cidadã.

A Unesco ressalta a responsabilidade da educação como mediadora na construção da sociedade. A educação é esse palco onde se pode aprender e exercitar os ritmos da cidadania requerida para a transformação da sociedade, para uma harmônica convivência, para a conformação de um novo ambiente social em uma sociedade cunhada pela convergência das mídias ou pela cultura da convergência. Assumir essas novas tecnologias como próteses que am-

pliam e completam a pessoa, permitindo maior alcance da comunicação e proporcionando propriedades ubíquas, que possibilitam habitar múltiplos mundos, percorrendo espaços e tempos diversos, é imprescindível para compreender as juventudes.

A produção do conhecimento, nessa cultura da convergência, dá-se mediada pela experiência, pela convivência, pela interação do homem com máquinas que lhe possibilitam ir tecendo novos saberes na dinâmica da sociedade digital.

A partir dessa constatação, sente-se a necessidade de ambientes educativos como um novo espaço conectado, aberto a interações não lineares, nas quais os jovens possam construir sua vida interagindo, compartilhando, construindo sentidos para as suas vidas conscientes de serem jovens sempre mais aprendentes, criativos, cooperativos e solidários. E a linha de eixo é a formação para a cidadania planetária.

Por conseguinte, o grande desafio para educadores e ambientes educativos é sair de seus patamares de segurança para arriscar-se na criação de novas ambiências capazes de abrigar novos seres humanos que os estimulem a se tornarem sujeitos de construção de uma nova sociedade, pautada na convivência, na ética, na capacidade de produção de bens ao alcance de todos, fundada na essência e busca sempre mais profunda de ser.

O educador, nesse contexto, precisa aprender a trabalhar e a produzir em rede de forma cooperativa, ajudando as novas gerações a utilizarem com criatividade e responsabilidade as novas tecnologias e possibilidades que o ci-

berespaço proporciona. O educador passa a ser uma figura chave, aquele que vai poder ajudar os jovens a navegarem pelos diferentes espaços virtuais, aproveitando as inúmeras possibilidades de informação para a construção do conhecimento.

Ismar de Oliveira propõe a Educomunicação como um novo campo de

“possibilidades, a ser implementada no espaço educativo para expressão legítima, democrática e transparente dos jovens e crianças. São eles os novos criadores, dispostos a colaborar com a recriação da sociedade. Suas manifestações nos espaços urbanos, suas identidades múltiplas, suas pertenças às diversas tribos urbanas são o que professam, o que pensam, o que vestem, o que cantam, o que dançam, o que dizem. O desafio é acolher esse imaginário juvenil, suas preferências e, com eles, trilhar caminhos educacionais.”

A proposta educacional parte da convicção de que a formação de cidadãos é o horizonte a ser perseguido. As crianças, os jovens e educadores são convocados a tecer os caminhos educacionais no intercâmbio dos saberes e das experiências. Reconhecer a significatividade das tecnologias, perceber que elas assumem um estatuto social, gerando uma nova sociedade, releva ainda mais o compromisso da educação de viabilizar essa dialogação sem rupturas, buscando pontos de intersecção e intercâmbio de saberes.

CAPÍTULO VI – GESTÃO DA COMUNICAÇÃO

A Educomunicação pode ser vista e aprofundada sob diversos aspectos, de modo a buscar uma resposta à desafiadora questão: “como transformar nossas comunidades, escolas, centros juvenis em ecossistemas comunicativos?” Para dar suporte e sistematizar a Educomunicação como um processo contínuo e convergente, surge a Gestão Comunicativa.

A Gestão Comunicativa é uma dimensão, um enfoque de atuação, que objetiva promover a organização, a mobilização e articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos comunicativos nos espaços de educação, orientados para a promoção efetiva da comunicação entre os educandos e educadores. É um modo de ser e de fazer caracterizado por ações conjuntas, associadas e articuladas. Portanto, a Gestão da Comunicação de qualidade é um desafio.

Uma educação inovadora, capaz de integrar as diversas necessidades do ser humano e responder aos anseios do mundo atual só será possível se for feita de forma processual, sistemática e comunitariamente. Em função disso, é que a implantação da Educomunicação nas unidades educativas pode ser uma rica possibilidade de intervenção sistemática e intencional que dará unidade a todas as ações realizadas. É uma ferramenta a mais que favorece a criação de uma mentalidade projetual, onde todos os envolvidos direta e indiretamente no processo educacional podem refletir

sobre a sua prática profissional e sentir-se participantes da missão educativa em diferentes aspectos.

É um trabalho que exige estudo, aprofundamento e uma sinergia de ações em prol do objetivo comum de educar as novas gerações. É também uma chance de encontrar suporte para um diálogo com as novas tecnologias e as novas linguagens juvenis, uma forma de ir ao encontro do jovem aceitando-o, acolhendo-o e ao mesmo tempo provocando-o a sair de sua zona de conforto e procurar ser um protagonista do ambiente em que vive.

A implantação do processo de gestão comunicativa levará as instituições à consolidação de políticas de informação que influenciarão direta e indiretamente todos os membros da comunidade educativa em questão.

6.1. Política Informativa

Por política informativa entende-se o conjunto de critérios, de objetivos e de estilos que uma instituição tem em vista ao buscar as tecnologias da informação a fim de evidenciar, de modo correto, a sua real fisionomia e finalidades. Não existe uma comunicação neutra. Tudo o que é dito ou escrito esclarece ou confunde, enriquece ou empobrece a imagem institucional.

É importante a clareza e a convergência de uma política informativa em função da missão, e de acordo com os objetivos e, ao mesmo tempo, atenção à mentalidade contemporânea de informação.

Existem objetivos internos à instituição, isto é, direcionados aos seus membros e a outros atores que inte-

ragem no ambiente da organização. Os objetivos externos são aqueles perseguidos diretamente pelo setor de Relações Públicas ou Secretaria de Imprensa, que tem o papel de tratar com o público através da mídia.

Frequentemente os objetivos internos e externos se equivalem por tenderem a uma única finalidade: facilitar a comunicação de uma imagem correta e completa da instituição, de modo a ter uma correspondência positiva, tanto dentro como fora dela. A gestão de relacionamentos torna-se uma exigência colocada às instituições pela sociedade organizada em redes e pelos múltiplos papéis desempenhados pelos atores sociais. É um componente estratégico na medida em que enfatiza oportunidades de interação e diálogo da organização com os atores sociais, planejadas e monitoradas sistematicamente.

A partir dessa compreensão, o conceito de comunicação se amplia: torna-se instrumento de gestão da comunicação e ferramenta auxiliar para gerir processos e projetos em rede. A gestão da comunicação deve ter seu foco na maneira de trabalhar as mensagens que são veiculadas nos diversos meios utilizados pela organização que visam transmitir sua imagem para todos os públicos (*murais, folders, flyers, site, disparos de e-mails, blogs, Facebook* e demais redes sociais). Além desse, outro aspecto a considerar é a gestão de projetos.

Uma organização no seu planejamento estratégico pode possuir um programa com vários projetos e subprojetos. O planejamento estratégico é um instrumento de tomada de decisões e de direcionamento em horizontes de longo prazo que deve fundamentar a formulação de estraté-

gias de posicionamento e de relacionamento da organização com o ambiente, buscando garantir a articulação entre os fluxos informacionais, comunicacionais e relacionais, ou seja, as inter-relações comunicacionais que se estabelecem no âmbito da organização. A avaliação desses processos segue os critérios da qualidade, dos impactos e resultados do processo comunicacional aos objetivos estabelecidos, e da contribuição da comunicação para o alcance dos objetivos organizacionais.

Num ambiente salesiano, a Política Informativa é a forma como a Instituição é capaz de fazer com que seus membros assumam o carisma que a caracteriza, esse não é um processo automático, mas precisa ser construído com ações planejadas profissionalmente. Numa sociedade em que o conhecimento é o grande diferencial, a pessoa toma o centro dos processos. Daí a importância de que os processos produtivos intelectuais sejam marcados por valores ricos e convergentes conforme a filosofia e a prática salesiana.

6.2. O Gestor em Comunicação

Embora ainda existam muitas barreiras para a implantação da Gestão da Comunicação de qualidade, já existe a real necessidade de profissionais da área que, aos poucos, vem sendo reconhecida por seu merecimento. O cenário de um promissor mercado de trabalho que busca profissionais educadores se espalha em vários municípios do Brasil.

E quem são esses “Gestores Educomunicadores”? Para o Professor Ismar (2007) são educadores que

cuidam “da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação”. São, continua o Professor Ismar, educadores que, procurando a democratização da ação comunicativa, privilegiam:

“(…) o uso dos processos, recursos e tecnologias da informação a partir da perspectiva de uma mediação participativa e democrática da comunicação. Isto inclui tanto o desenvolvimento e o emprego das tecnologias para a otimização das práticas educativas quanto a capacitação dos educandos para o seu manejo, assim como a recepção organizada, ativa e crítica das mensagens massivas.”⁷¹

Esses Gestores são educadores que colaboram para a passagem do processo de comunicação organizacional em educativo, propondo atividades que alimentem o ecossistema comunicativo do espaço social, para que haja um verdadeiro diálogo comunicativo por meio de canais limpos e saudáveis de comunicação entre todos os membros que fazem parte da organização de determinado espaço.

O Educador, inserido num espaço onde a animação é circular e participativa, sente-se apto para:

- Inserir-se em um mundo pluricultural, pleno de negociações de sentidos;
- Ter a capacidade para expressar saberes prévios e entrar em negociação com novos saberes, especialmente no que se refere a projetos tecnológicos da sociedade emergente;

⁷¹ SOARES, I. O. . A ECA/USP e a Educação: a consolidação de um conceito, em dezoito anos de trabalho. Comunicação & Educação, v. 2, pp. 7-12, 2007.

- Adotar o diálogo e a escuta do outro como atitude política básica;
- Manter-se disponível para a construção de um novo espaço público;
- Educar a pessoa como um todo: aprender a direcionar o conhecimento com profundidade e a estabelecer inter-relações com o universo; aprender a trabalhar em equipe, qualificando-se para intervir nas situações concretas da vida; aprender a conviver, desenvolver as próprias capacidades e compartilhá-las com os demais, realizando projetos comuns que propiciem a solidariedade, o humanismo, o pluralismo, a paz; aprender a ser pessoa em liberdade, autonomia, responsabilidade pessoal e social, a comunicar-se oferecendo a verdade de si mesmo e acolhendo a verdade do outro;
- Manter um diálogo permanente com a sociedade e com as novas tecnologias da comunicação para resgatar o espírito humanista e formar cidadãos atentos para a solidariedade planetária, para a cooperação e para a ética da responsabilidade.⁷²

A ECOSAM – Equipe de Comunicação Social do Instituto das FMA na América, na “Proposta de Educomunicação para a Família Salesiana”, publicada em 2004, pela Editora Salesiana, traçou o perfil do Gestor, destacando “(...) Entre os “valores educativos” que servem de referência ao trabalho articulado do gestor:

⁷² REDE SALESIANA DE ESCOLAS (org). Educomunicação: desafio à família Salesiana. 1ªed. Brasília: CIB-CISBRASIL, 2010.

- Opção por aprender a trabalhar em forma cooperativa, em equipe, respeitando as diferenças;
- Valorização da experiência do erro como parte do processo de aprendizagem;
- Animação de projetos orientados à transformação social.

No campo da atuação junto a públicos específicos, assumem importância:

- Os programas destinados a todos os níveis de idade;
- Os programas em âmbito da educação formal (tanto com os educandos como com os educadores em um esforço para formar uma pedagogia da comunicação);
- As ações, no âmbito da educação informal, promovidas tanto pelos grandes meios – através de programações de emissoras educativas de rádio e tv – quanto pelas organizações não governamentais e, inclusive, por consultores.”

Em sua publicação, a ECOSAM sublinha que a gestão dos processos comunicacionais, no espaço educativo, não se restringe somente ao Gestor, mas cabe a toda a comunidade educativa que deve ser assessorada, animada e avaliada por um especialista da área, ou seja, pelo Gestor.

A Gestão da Comunicação, na Educação Formal, exige competência específica de planejamento, pois a proposta educacional confronta-se com muitos aspectos administrativos, de relações e direção da Escola. A Educa-

municação não é uma disciplina e tão pouco deve ficar na sala de aula. A Educomunicação perpassa toda a Escola, envolve a todos e deve fluir em todos os ambientes e atividades.

A Gestão da Comunicação deve se preocupar com os processos, com o diálogo, com a interlocução; dessa forma, irá relacionar as diferentes áreas que trabalham no campo da comunicação. Seu objetivo deve ser o de promover os processos comunicativos na comunicação global. O Gestor da Comunicação caminha no sentido da contemporaneidade, da totalidade e não da fragmentação.

6.3. Comunidade educativa em processo de gestão comunicacional

O Gestor, atento à Formação e à Capacitação dos Educomunicadores, em um espaço comunicativo salesiano, orienta-os a trabalhar na construção de relações mais humanizantes e na implantação de ecossistemas comunicativos com a finalidade de que o Sistema Preventivo seja mais bem atuado, de acordo com a realidade social, econômica, política e religiosa em que estão inseridos, priorizando a Pedagogia do Ambiente, “(...) espaço em que os jovens projetam a vida, experimentam a confiança e fazem experiência de grupo”⁷³

Tanto no ambiente de Educação Formal como Não Formal, o Gestor deve estar atento para que o Diretor, a Diretora, os Orientadores e Coordenadores Pedagógicos e

⁷³ INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. “Para que tenham vida e vida em abundância – Linhas Orientadoras da missão educativa das FMA” 2006. n° 142.

Educacionais sejam líderes que se incorporem e se esforcem para se inter-relacionarem com as pessoas ou com grupos de trabalho, portanto, líderes que:

- Gostem de se comunicar com os componentes de seus grupos e que se reúnam frequentemente com seus colaboradores;
- Cultivem a comunicação bidirecional que retroalimenta a orientação prospectiva organizacional;
- Usem o trabalho de grupo e outros métodos para integrar as necessidades individuais com as da tecnologia;
- Nas atividades de grupo ou de comissões tendam a fixar normas de desempenho para a equipe, valorizando os integrantes dos mesmos em vista de seus compromissos e definição de objetivos;
- Priorizem o trabalho em equipe ou em rede que permite interação com seus colaboradores;
- Seus colaboradores sejam comprometidos e envolvidos com a ação, e para eles o mais importante do que evitar conflitos e castigos, é aprender a superar as dificuldades;
- Evitem a produção em série, respeitem o sujeito único, que constrói singularmente seu conhecimento de maneira que não haja lugar para a medição e classificação: a avaliação focaliza os processos, onde a qualidade dos resultados está na diferenciação. O processo de percepção da realidade, da construção do saber, deve constituir-se num espaço aberto onde se fundamenta a democracia.

Papel importante tem o Gestor para que os espaços educativos possam se transformar em ecossistemas educativos. A ele compete intensificar o estilo de direção circular e participativo por parte da Direção, Coordenadores e Orientadores Educacionais e Pedagógicos, para que saibam despertar o interesse de todos os seus colaboradores, implantando programas de capacitação e de formação para todos os setores do Espaço Comunicativo, abrindo caminhos para a inovação e reforçando o conhecimento aprofundado do Sistema Preventivo que distingue uma obra salesiana em relação a outros Espaços Educativos; criando um clima de relações sadias para que todos se disponham a:

- a) conhecer as necessidades de seus destinatários e a realidade em que estão inseridos por meio de pesquisa de campo e de sondagem entre os educandos e familiares, e ter a coragem de reconhecer as deficiências para buscar, juntamente com todos os setores do Centro, as soluções, as mudanças necessárias, fugindo de repetir sempre os mesmos projetos, muitas vezes, ultrapassados e que não respondem adequadamente aos desafios da sociedade globalizada e da economia centralizada no conhecimento;
- b) adotar a avaliação diagnóstica como prática constante que permite conhecer as deficiências que entram a qualidade da educação e abrir para o novo, e para isto é necessária a implantação de uma nova Filosofia que coloque a ênfase na qualidade e não na quantidade;

- c) conscientizar-se de que avaliação não deve ter como finalidade responder às exigências externas de Supervisores ou Secretarias de Educação, mas ser um instrumento de análise, pois o processo de qualidade não se estabelece vindo de fora, mas é decidido no âmbito interno, envolvendo todos os membros dos setores do Centro que tenham a coragem de expressar-se numa crítica construtiva. A qualidade não é de responsabilidade de uma só pessoa ou de uma só área, mas tarefa de todos os que se empenham para que o Centro Comunicativo responda às necessidades dos educandos e da realidade conforme sua visão de Comunicação, no caso, segundo o Sistema Preventivo;
- d) alimentar a constância e a perseverança na busca de melhor qualidade na gestão comunicativa-educativa tendo sempre presente o Planejamento, feito em conjunto, e a coragem da avaliação diagnóstica contínua para verificar se os objetivos traçados estão sendo traduzidos em estratégias consistentes.

Em um ambiente assim privilegiado, o educando é colocado no centro da ação educativa-comunicativa e não apenas recebe, mas dá uma contribuição original, tornando-se protagonista, capaz de se expressar, criar, construindo junto com o Educomunicador e, com ele, desmitificar e questionar a Comunicação de massa, propondo projetos transformadores que envolvam outros jovens.

Para que esse espaço seja comunicativo e educativo e se torne uma comunidade que educa, exigência fundamental do Sistema de Dom Bosco, é preciso que cada membro tenha um papel e uma tarefa específica, seja consciente e corresponsável do trabalho e dos compromissos dos outros, pois todos compartilham o mesmo projeto. Portanto, cabe ao Gestor ser a presença que coordena e conduz os trabalhos do jovem, contudo, sempre priorizando o protagonismo juvenil. É o jovem que toma a frente, que empunha os equipamentos de comunicação e transforma em produto comunicativo sua experiência comunicacional, “característico do estilo salesiano, que anima a comunidade, une educadores, educadoras e jovens numa única experiência de participação, de partilha de valores, de espera paciente dos ritmos pessoais de crescimento, de diálogo respeitoso com quem é portador de uma outra tradição cultural ou religiosa.”⁷⁴

Em um tempo em que as relações em muitas famílias estão em crise, é um desafio para o Educador conquistar o jovem para o trabalho em sinergia, por meio de uma presença significativa que revele concretamente que se interessa por ele, por seus sonhos e desilusões, que confia nele e no seu dinamismo transformador. O Educador precisa aprender a “ouvir” as perguntas que o jovem, com o seu jeito de ser, aparentemente desligado do mundo que o rodeia, mas extremamente conectado com o mundo virtual, faz a seus Pais e Educadores, em busca de respostas para o sentido de sua vida. O Educomunicador deve saber que:

⁷⁴ INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. “Para que tenham vida e vida em abundância – Linhas Orientadoras da missão educativa das FMA” 2006. nº 149;

“A prospectiva comunicativa é particularmente importante para favorecer a relação e o encontro; para orientar a superar barreiras e conflitos interpessoais. Por isso é preciso ficar atento às exigências comunicativas das novas gerações, educá-las ao diálogo interpessoal, à abertura para o outro no respeito de sua originalidade, à vida de grupo como laboratório de relações autênticas, à redescoberta da família, à partilha na comunidade de fé, à valorização do teatro, da música, da arte”.⁷⁵

Desse modo, os espaços educativos, escolas, centros juvenis, obras sociais estarão no caminho da construção de ecossistemas comunicativos, conforme o Sistema Preventivo, capazes de trabalho em rede e atentos à escuta dos anseios juvenis.

⁷⁵ Ibid. nº 54.

CAPÍTULO VII – CIDADANIA COMO PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA

Sendo a cidadania uma das áreas de intervenção da Educomunicação, é importante iniciar o estudo da mesma a partir de seu conceito e das possibilidades de aproximação com a comunicação.

7.1. Conceito de cidadania

Na origem do carisma salesiano encontramos o objetivo central da missão educativa junto aos jovens na expressão comumente utilizada por Dom Bosco que é “formar bons cristãos e honestos cidadãos”. O bom cristão pode ser compreendido em relação ao seguimento de Jesus Cristo e tudo o que decorre dessa opção. Para formar um honesto cidadão, é preciso compreender o que é ser um cidadão no contexto em que vivemos hoje, neste mundo intercultural, pós-moderno e como tal, cheio de oportunidades e desafios.

Partindo do que nos diz Paulo Freire:

“...cidadão significa indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado e cidadania tem que ver com a condição de cidadão, quer dizer, com o uso dos direitos e o direito de ter deveres de cidadão.”⁷⁶

A cidadania estaria, portanto, estritamente ligada ao exercício de direitos e deveres do indivíduo num determi-

⁷⁶ FREIRE, Paulo, Política e Educação - 5ª edição, São Paulo, Ed. Cortez, 2001, p. 25 (Coleção Questões da nossa época, vol. 23).

nado tempo e espaço. No sentido etimológico da palavra, cidadão deriva da palavra *civita*, que em latim significa cidade, e que tem seu correlato grego na palavra *politikos* – aquele que habita na cidade.

No sentido ateniense do termo, cidadania é o direito da pessoa participar das decisões nos destinos da Cidade por meio da *Ekklesia* – reunião dos chamados de dentro para fora – na *Ágora* – praça pública, onde se encontrava para deliberar sobre decisões de comum acordo. Dentro dessa concepção surge a democracia grega, em que somente 10% da população determinava os destinos de toda a cidade – eram excluídos os escravos, as mulheres e os artesãos.

Conforme a humanidade foi caminhando e ampliando sua compreensão em relação ao que considera direito humano, também foi evoluindo o sentido de cidadania. A Igreja também foi uma grande colaboradora tanto em relação à reflexão teórica quanto em relação à garantia e luta pela ampliação dos direitos humanos. Conforme a Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*:

“Profundas transformações se verificam nos nossos dias também nas estruturas e instituições dos povos, em consequência da sua evolução cultural, econômica e social; pois todas estas transformações têm uma grande influência na vida da comunidade política, especialmente no que se refere aos direitos e deveres de cada um no exercício da liberdade cívica, na promoção do bem comum e na estruturação das relações dos cidadãos entre si e com o poder público.”⁷⁷

⁷⁷ Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*, disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html.

A consciência mais sentida da dignidade humana dá origem em diversas regiões do mundo ao desejo de instaurar uma ordem político-jurídica em que os direitos da pessoa na vida pública sejam melhor assegurados, tais como os direitos de livre reunião e associação, de expressão das próprias opiniões e de profissão privada e pública da religião. A salvaguarda dos direitos da pessoa é, com efeito, uma condição necessária para que os cidadãos, quer individualmente, quer em grupo, possam participar ativamente na vida e gestão da coisa pública.⁷⁸

Quanto mais crescemos na consciência de dignidade humana, na clareza de que todo cidadão é um ser de direitos, sujeito participativo e ativo, maior o compromisso educativo na formação das novas gerações. Por isso Dom Bosco colocou como um objetivo central de sua prática educativa a formação do honesto cidadão como uma consequência direta do ser um bom cristão. Afinal, Jesus Cristo foi aquele que melhor lutou pela igualdade, pela justiça, pela dignidade de filhos adotivos de Deus, instaurando assim uma nova ordem de relações baseada no amor ao próximo e preocupada com a construção do Reino de Deus.

Na expressão de Milton Santos, *uma escola que não forme verdadeiros cidadãos, tornar-se-á um celeiro de deficientes cívicos*.⁷⁹ Qualquer prática educativa, e mais ainda salesiana, precisa estar voltada para a construção da consciência crítica, deve ter em mente a capacitação para uma participação ativa em vista de uma sociedade mais solidária.

⁷⁸ Gaudium et spes, n.73 .

⁷⁹ SANTOS, Milton. Os Deficientes Cívicos. Mundo do pragmatismo triunfante pode destruir o equilíbrio educacional entre a formação para uma vida plena e a formação para o trabalho. Folha de São Paulo, São Paulo, Caderno Mais, 24/1/1999.

As Linhas Orientadoras da Missão Educativa dizem que:

“A comunidade educativa é a principal protagonista de tal abertura social, e é chamada a dar o seu contributo para a transformação das estruturas injustas da sociedade. Nessa perspectiva educamos os jovens para que sejam sujeitos ativos, críticos, artífices de uma renovação que promova a justiça, o amor, a verdade, a liberdade. (...) Diante da pouca confiança por parte das novas gerações nas instituições públicas, e do crescente desinteresse para com a política, o nosso empenho educativo, inspirado no Magistério Social da Igreja, se traduz em percursos de formação para a paz, a democracia, a participação política que promove o bem comum, o respeito à vida e ao ambiente natural, a interculturalidade, a busca de uma real competência profissional que permita a inserção responsável e ativa no mundo do trabalho.”⁸⁰

Para ajudar o jovem a crescer enquanto cidadão, sujeito ativo e protagonista, é muito importante conhecer a realidade juvenil, as formas de participação já existentes, o caminho percorrido pelos jovens e as dificuldades que encontram para desenvolver e praticar a cidadania em suas realidades. Para tanto vamos aprofundar um pouco mais os aspectos da realidade juvenil que nos cerca.

7.2. Cidadania, juventudes e políticas públicas

Considerando que quando falamos em cidadania, estamos discutindo a questão dos direitos e do exercício da

⁸⁰ INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. “Para que tenham vida e vida em abundância – Linhas Orientadoras da missão educativa das FMA” 2006. n.º 51-52.

participação do sujeito enquanto cidadão, não se pode deixar de falar em participação política e de políticas públicas.

As políticas públicas para a juventude, muitas vezes, estão carregadas de visões reducionistas e que acabam sendo, simplesmente, voltadas para a resolução de problemas “criados pelos jovens”. No Brasil, somente nos últimos 10 anos, conforme estudo realizado por Marília Pontes Sposito e Paulo César Rodrigues Carrano (2007)⁸¹, começam a ser desenvolvidas iniciativas envolvendo parcerias com instituições da sociedade civil, mobilizando as diversas instâncias do poder executivo. A grande maioria dos projetos é idealizada e promovida pelos adultos, havendo pouca ou nenhuma participação ativa dos jovens.

É importante salientar que, quando falamos em participação, podemos falar de pelo menos três formas diferentes de participação: no planejamento das ações, na execução e nos resultados. Em se tratando de políticas públicas, em geral os jovens participam dos resultados, algumas vezes da execução e raríssimas vezes do planejamento. É certo que nos últimos anos, em alguns municípios brasileiros, começaram a ser realizadas Conferências locais para o estudo e desenvolvimento de propostas de políticas públicas, mas são ações muito tímidas e que envolvem um número muito pequeno de jovens. Muitos nem sabem desses movimentos e não têm acesso à participação dos mesmos.

No Brasil, em 2005, foi criada a Secretaria e o Conselho Nacional da Juventude - CONJUVE, uma iniciativa inédita na América Latina. O Conselho é formado por 60

⁸¹ SPÓSITO Marília P., CARRANO, Paulo, NOVAES, Regina R. Juventude e Contemporaneidade. Brasília: MEC- UNESCO, 2007. Coleção Educação para todos.

membros, entre os quais 40 são da sociedade civil, e busca reforçar a participação desta nas ações de reflexão e planejamento. Essa iniciativa foi muito importante, pois permitiu um maior aprofundamento da temática juvenil, estimulando a discussão nas diferentes esferas governamentais. A criação do CONJUVE possibilitou que os Estados e Municípios passassem a se preocupar mais com a questão juvenil e surgiram, então, algumas conferências municipais, estaduais e nacionais para discutir as políticas públicas para a juventude.

De 09 a 12 de dezembro de 2011, aconteceu em Brasília, a II Conferência Nacional da Juventude, que mobilizou mais de 500 mil jovens de todo o Brasil nas discussões referentes às políticas públicas. Estiveram presentes ali, jovens representantes de todos os Estados brasileiros, sendo que teve um grande destaque a participação dos representantes da Pastoral da Juventude (CNBB⁸²). A iniciativa pode ser uma possibilidade de abertura para uma maior participação juvenil em relação às políticas públicas e às discussões que envolvem as diferentes realidades juvenis.

7. 3. Juventude e participação social

Conforme se aprofunda a realidade juvenil, percebe-se que algumas imagens estereotipadas não permitem ver com clareza o jovem de hoje. Quando se associa a juventude à ideia de beleza, saúde, despreocupação, moda e consumo, ou no outro extremo, de força, ousadia, rebeldia, violência, vê-se apenas fragmentos da realidade que não condizem com o jovem de hoje.

⁸² Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Outra situação que prejudica a análise real da juventude é a comparação dos jovens de hoje com os de outros tempos, principalmente em relação aos dos anos 70. Esquece-se, às vezes, de que os jovens engajados dos anos 70 eram uma minoria. O modelo de jovem universitário, crítico, questionador foi adotado como padrão de participação inatingível para os jovens atuais.

Embora diversas pesquisas apontem que somente 15% dos jovens dos nossos dias participam de algum tipo de grupo ou associação, não se pode esquecer que há outras formas de participação, diferentes das décadas anteriores.

Segundo o documento 85 da CNBB – *Evangelização da Juventude*:

“Para além do discurso corrente de que os jovens não participam, são desinteressados e alienados, alguns estudos recentes têm demonstrado que os jovens desejam participar ativamente da vida social, têm muitas sugestões do que deve ser feito para melhorar a situação do país e querem dar sua contribuição. Entretanto, não encontram espaços adequados: as formas de participação presentes na sociedade e no Estado são percebidas pelos jovens como muito distantes de sua realidade.”⁸³

A aparente apatia dos jovens em relação às questões políticas, não é diferente do restante da população que também se apresenta “desencantada” em relação às mudanças que parecem não acontecer de fato. Talvez por isso os jovens prefiram outras formas de participação como o vo-

⁸³ CNBB- doc. 85. Evangelização da Juventude – Desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulinas.

luntariado, em que “fazem coisas”, ajudando diretamente quem precisa, participando de projetos ou dando uma contribuição direta e pontual.

Nas décadas anteriores falava-se em luta social, participação junto ao poder público; hoje se fala em protagonismo juvenil. Essa mudança não é apenas uma questão de palavras, diz respeito à forma como se dá a participação social do jovem.

O jovem protagonista é frequentemente definido como o ator principal do desenvolvimento individual e comunitário. Pode-se acrescentar que o jovem protagonista é o ator principal, não em relação aos atores da sociedade civil em atuação num cenário dito público, mas da sua própria vida, autorresponsável que é por si próprio e pelos outros numa sociedade que não oferece garantias. O jovem protagonista não faz parte da “minorias ativa” ou da “vanguarda”; não é o líder, representante, organizador, o que vai à frente. Ao contrário, todo jovem é chamado a ser protagonista. Protagonista de quê? De sua própria vida, já que nenhuma outra instância – Estado, instituições sociais, partido, sindicato, mercado – garante a existência desse indivíduo.⁸⁴

A pesquisadora Regina Magalhães de Souza questiona a forma como se pensa o protagonismo juvenil, em que o jovem é apenas um “fazedor” de coisas, não sendo capaz de participar ativamente, ou seja, não tendo voz e vez nas decisões, na definição das políticas públicas e demais instâncias em que poderia ajudar a “pensar” a própria realidade.

⁸⁴ SOUZA Regina M. O conceito de protagonismo juvenil-in ESPÍNDULA Brenda (Org.), *Protagonismo da Juventude brasileira – perfil e memória*, São Paulo: IAC-CEMJ, 2009, p. 20.

Vale aqui retomar a origem do termo protagonismo, que na Grécia Antiga era o principal competidor dos jogos públicos, na assembleia ou reunião, e o vocábulo *agônia* referia-se justamente à luta nos jogos públicos, à luta social. O protagonismo verdadeiro implica luta, participação no poder e de certa forma a transgressão, visto que há uma tentativa de estar à frente, de ser o ator principal.

Isso faz pensar sobre a forma como os jovens estão exercendo o protagonismo que lhes cabe e é importante ter clareza dos modelos de participação existentes na sociedade atual para não cair na ilusão de um falso protagonismo, que ao invés de ajudar o jovem e toda a sociedade a construir um mundo melhor, apenas mascara a realidade, criando ainda mais conformismo e insatisfação com as mudanças que verdadeiramente não acontecem.

Há que se considerar que o protagonismo não acontece de forma espontânea, é o resultado de um processo em que o jovem vai aprofundando o seu compromisso de construção da sociedade como alguém capaz de pensar, questionar, propor, atuar significativamente no espaço em que vive.

Nesse processo é fundamental o desenvolvimento da autonomia, da consciência crítica, da autoconfiança, da capacidade de liderança que fundamentem a construção de um projeto de vida pessoal que contemple o engajamento social enquanto dimensão da própria existência.

O jovem de hoje já cresceu ouvindo falar de cidadania, de compromisso social. A sociedade, por mais que tenha inúmeras contradições, está permeada por um clima democrático e de responsabilidade social, e isso é um fator

facilitador para o jovem envolver-se como cidadão protagonista.

“Atualmente, no Brasil há uma série de novas formas de participação juvenil, entre as quais podemos destacar: a) a pertença a grupos (pastorais, movimentos eclesiais, novas comunidades, redes, ONGs e outras organizações juvenis) que atuam para transformar o espaço local, os bairros, as favelas e periferias; b) a participação em grupos que trabalham nos espaços de cultura e lazer: grafiteiros, conjuntos musicais, de dança e de teatro de diferentes estilos, associações esportivas; c) mobilizações em torno de uma causa e/ou campanha: grupos ecológicos, comitês da Campanha contra Fome, ações contra a violência e pela paz, grupos por uma outra globalização etc.; d) grupos reunidos em torno de identidades específicas: mulheres, negros, indígenas, pessoas com deficiência.”⁸⁵

Na realidade, existe um quadro muito favorável à participação e ao engajamento social da juventude, porém é necessário que se tome cuidado para que o jovem não apenas “faça” coisas, mas tenha a capacidade de pensar estas realidades, que tenha visão de conjunto, discernimento e criticidade; caso contrário, pode apenas tornar-se um instrumento nas mãos de quem realmente tem poder de decisão.

Um primeiro sinal de que os jovens estão dispostos a participar da vida política foi o Movimento da Primavera Árabe ocorrido no Oriente Médio e norte da África a partir de 2010. Os constantes protestos contra o desemprego e outros problemas sociais em diversas capitais do mundo,

⁸⁵ CNBB – doc. 85. Evangelização da Juventude – Desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulinas. p. 30.

como no Movimento Occupy Wall Street e mais recentemente as diversas manifestações de rua no Brasil, iniciadas pelo Movimento em favor da redução do valor do transporte urbano e que desencadeou uma série de protestos em todo o país, defendendo diversas causas sociais, são exemplos da participação dos jovens.

Embora estes fatos possam não estar ligados entre si, há em comum uma situação de mal estar entre a juventude, que demonstra não ser tão passiva quanto alguns críticos pensavam que fosse. Embora estes movimentos tenham que ser mais bem estudados e compreendidos, as novas gerações mostram-se capazes de se organizar e utilizar inclusive as redes sociais como ferramentas de ordem política e social diante das contradições que a sociedade apresenta.

O carisma salesiano convoca todos os educadores a terem um olhar de esperança para com as novas gerações e procura criar formas cada vez mais eficazes de acompanhar o jovem no desenvolvimento de um verdadeiro protagonismo por meio de um itinerário gradual que proporcione ao jovem uma inserção ativa na sociedade.

7. 4. Cidadania sob a ótica do Sistema Preventivo

A Família Salesiana é chamada a reescrever o Sistema Preventivo com novas sensibilidades antropológicas, teológicas, sociológicas, psicológicas, educativas, comunicativas com um foco na cidadania ativa; e a aprofundar o sentido do amor salesiano – a *amorevolezza* – que dá uma fisionomia de alegria à nossa missão educativa.

Como cristãos e cristãs, o enfoque salesiano parte de um olhar de amor sobre a história e sobre as pessoas. É

tecida uma longa conversa educativa que parte da interioridade do mundo do jovem, da escuta de suas esperanças, dos seus anseios de comunicação. O educador salesiano é convidado a tecer essa longa ‘conversa educativa’ consigo mesmo. Entrar na dinâmica da interioridade para aprofundar o tecido de sua própria humanidade, doando-se ao outro integralmente. Há que se cuidar de sua formação integral e, portanto, cidadã.

Na reescritura do Sistema Preventivo, que tentamos fazer juntos, é importante ressaltar a dimensão da *amorevolezza*. É ela que dá forma ao estilo de nosso relacionamento comunicacional, que inspira nossas opções em favor da vida, que lança as bases para a cidadania.

Dom Pascual Chávez (2008), na introdução ao Documento do Capítulo Geral 25 dos salesianos, reafirma a validade, ainda hoje, do Sistema Preventivo de Dom Bosco, “não só como método pastoral, mas como fonte de espiritualidade e, portanto, como critério do ‘viver e trabalhar juntos’. Ele aponta o Sistema Preventivo como experiência de vida que ‘impregna o nosso relacionamento com Deus, as relações pessoais e a vida de comunidade, no exercício de uma caridade que sabe fazer-se amar’. Ele [Sistema Preventivo] é e se torna para nós escola de santidade e de fraternidade universal”⁸⁶.

A partir de Mornese e de Valdocco, é preciso reescrever o Sistema Preventivo, dando-lhe a fisionomia de um rosto brasileiro. É o rosto do Sistema Preventivo que se alarga e abraça todos os jovens.

O Sistema Preventivo continua hoje dando novas respostas aos desafios que surgem. Constrói-se uma novi-

⁸⁶ Doc. Capitular dos SDB – CG XXV, n.6, p. 24.

dade total porque o Senhor faz novas todas as coisas. O ‘novo’ é sempre obra criativa e inesperada de Deus. Dom Bosco inaugurou o sacerdote de um ‘novo molde’ e o leigo de um ‘novo estilo’. Madre Mazzarello apresentou suas Irmãs e educadoras com um ‘novo perfil’. O novo não nasce do nada, tem raízes profundas. Tem raízes no coração de Dom Bosco e Madre Mazzarello e se alarga na Família Salesiana.

A amorevolezza é o eixo pelo qual podemos avaliar a qualidade dos relacionamentos comunicativos de hoje. Impõe-se um novo estilo de comunicação, se se quiser ser eficaz diante de desafios complexos como a inculturação, a evangelização, os novos contextos e as condições juvenis. O primeiro dom que Dom Bosco e Madre Mazzarello apresentaram aos seus foi o de uma relação humana serena e acolhedora. A qualidade do encontro educativo (comunicativo) está no ápice de seus pensamentos. “Todos aqueles com quem falares devem tornar-se teus amigos”⁸⁷.

No cenário contemporâneo, sabe-se que a vida é pisada de muitas maneiras... a violência é praticada sobre mulheres, crianças, negros, pobres... No fundo trata-se de uma profunda crise da cultura da vida e da comunhão, que não permite perceber com clareza o sentido da pessoa. É preciso estar consciente de que todo o ser do ser humano, a partir da corporeidade, é o lugar de uma vida pessoal inconfundível e que cada um deve ser olhado em sua integridade e sacralidade, afirmando a importância de uma ecologia humana, capaz de respeito à vida e de reciprocidade⁸⁸. Percebe-se, assim, uma frágil cidadania.

⁸⁷ MB X, 1039.

⁸⁸ INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. Atos do XX Capítulo Geral do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, Roma, 1996.

Na história da Congregação Salesiana e no Sistema Preventivo há uma grande riqueza que pode ser apropriada para dar um rosto mais humano ao mundo globalizado.

A resposta de Dom Bosco à Revolução Industrial, no fim do século XIX, não consistiu em debates acadêmicos, mas em uma criatividade original que o fez sair pelas ruas, acolher os meninos e jovens expostos à exploração e oferecer-lhes uma experiência educativa que os apoiava na inserção na sociedade.

A significatividade do Sistema Preventivo está vinculada à experiência espiritual e educativa de Dom Bosco. Ele teve como opção fundamental a educação da juventude pobre, abandonada e em situação de risco. O elemento mais inovador consiste na centralidade do jovem e na intencionalidade de perceber nele toda uma riqueza ‘escondida’, que precisa se revelar.

Viver o Sistema Preventivo implica criar um estilo de relações – isso que D. Bosco chamava de *amorevolezza* – entre um educador e um educando, caracterizado pela bondade e pelo espírito de família, ao mesmo tempo que se propõe um sistema de valores que permita ao jovem adquirir os elementos necessários para construir seu presente/futuro de cidadania.

O Sistema Preventivo é uma experiência de solidariedade, com a intencionalidade de formar “honestos cidadãos e bons cristãos”, ou seja, pessoas responsáveis, participativas, conscientes de sua dignidade, capazes de se abrirem ao transcendente, comprometidas com a justiça social e os direitos humanos.

O Sistema Preventivo é o credo da Família Salesiana que confirma a sacralidade e a inviolabilidade da vida

humana. Prioriza-se a pessoa na sua dimensão de sociabilidade, relacionamento, escuta, comunicação, proximidade, resposta à própria vida e à vida do planeta.

A Família Salesiana exprime a força do Sistema Preventivo – hoje – dando respostas audazes em defesa e pela promoção da vida, orientando os jovens a elaborarem um projeto de vida fundamentado em valores humanos e cristãos.

A missão salesiana é evangelizar educando e educar evangelizando e, por meio da educação à cidadania evangélica, contribuindo com a construção de um mundo calçado no respeito, no direito à vida, na economia solidária, no bem comum.

O documento *Cooperação para o Desenvolvimento do Instituto das FMA* aponta algumas áreas privilegiadas de formação para o exercício da cidadania:

“Especificam-se quatro áreas: 1. Formação para o desenvolvimento que promove a educação à compreensão entre os povos, a educação internacional, intercultural e inter-religiosa, a educação à paz, às temáticas de gênero, aos direitos humanos e ao ambiente. Estimula o pensamento crítico, o sentido do limite com referência aos efeitos do agir cotidiano. 2. Formação ao trabalho e ao empenho social que significa formar, com o estudo e a experiência as qualidades profissionais, contribuir com a própria operosidade ao bem da comunidade, formar a uma ética do trabalho, aceitar as características dialéticas e conflituais da história, acolher a precariedade como um recurso e um estímulo à pesquisa. 3. Formação ao trabalho para projetos. Essa formação à mentalidade projetual representa uma experiência capaz de afinar linguagens comuns, favorece a

recíproca compreensão, a capacidade de aprender a aprender. Trabalhar para projetos é ‘lugar de exercícios’ para aprender a superar os condicionamentos propostos pelos vínculos formais da autoridade, competências expressas, de habilidades demonstradas. 4. Formação dos jovens acompanhando-os nas seguintes direções: o conhecimento: passar da percepção inicial às causas e contato direto com as diversas situações; a preventividade: assimilação do método educativo salesiano; a continuidade: superar as relações ocasionais para estabelecer contatos estáveis, respeitando sempre a dignidade e os valores; a dedicação: facilitar o conhecimento do contexto cultural e social no qual se opera; a gratuidade: característica que distingue o voluntariado de outras formas de empenho civil. Formar na e à gratuidade, tornando-se testemunho crível de liberdade com relação às lógicas do individualismo, do utilitarismo econômico, do desprezo de sociedades centralizadas exclusivamente no ter e sobre o consumismo⁸⁹.

Na formação do jovem, é importante criar situações que o jovem possa vivenciar experiências transformadoras que o leve a se interrogar sobre as lógicas comuns de consumo, do individualismo econômico e possibilite ter um olhar global. Neste caminho de desenvolvimento do protagonismo, o jovem assimila uma visão processual da realidade com uma participação efetiva do processo e não somente do resultado, identificando as causas dos problemas provocados pela desigualdade social e lutando por uma sociedade mais justa e fraterna.

⁸⁹ INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. Cooperação para o desenvolvimento: Orientação para o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, EMI, Bologna, 2006.

CAPÍTULO VIII - A COMUNICAÇÃO NA PERSPECTIVA DO SISTEMA PREVENTIVO

O carisma salesiano tem suas raízes em São João Bosco e Santa Maria Domingas Mazzarello, duas figuras que muito contribuíram com uma educação diferenciada à sociedade de então, transformando-a com uma genuína presença educativa. Eles continuam suscitando pessoas e instituições até os dias de hoje que tomam para si a missão educativa das novas gerações, tendo como base uma sólida espiritualidade proporcionada pelo Sistema Preventivo de Educação Salesiana.

8.1. Sistema Preventivo em Dom Bosco

João Melchior Bosco nasceu no dia 16 de agosto de 1815, num povoado chamado Becchi, no município de Castelnuovo D’Asti, na Itália. Após sua ordenação sacerdotal em 1841, ele dá continuidade à sua formação em Turim, sob a orientação do Pe. Giuseppe Cafasso. “Este introduz Dom Bosco no trabalho da catequese, nos oratórios festivos, na assistência aos jovens encarcerados [...]. Com Dom Giovanni Borel, Dom Bosco decide reunir os jovens desocupados devido à imigração e à crescente marginalização na periferia urbana. São jovens ‘abandonados’ dos quais assumem o cuidado, respondendo às suas necessidades de alimento, roupa, alojamento, trabalho, oportunidades de estudo, ocupação do ‘tempo livre’ e de educação moral e

religiosa”⁹⁰. Dom Bosco vai amadurecendo sua vocação de doar sua vida inteiramente aos jovens a ponto de “tornar-se ‘pai’ de uma multidão de jovens abandonados, incluindo num segundo momento também as meninas”⁹¹.

É possível, hoje, revisitar o Sistema Preventivo com novas sensibilidades antropológicas, teológicas, sociológicas, psicológicas, educativas e comunicativas.

A *Estreia de 2013* convocou a Família Salesiana a, “como Dom Bosco educador, oferecer aos jovens o evangelho da alegria, mediante a pedagogia da bondade”.

A pedagogia da bondade convida a aprofundar e atualizar o Sistema Preventivo. “É preciso traduzir para a atualidade as grandes intuições e virtualidades do Sistema Preventivo. É preciso modernizar os princípios, os conceitos, as orientações primitivas, reinterpretando no plano teórico e prático tanto as grandes ideias de fundo (...a caridade teológico-pastoral; o bom cristão e o honesto cidadão; a alegria; cultura, evangelização...) quanto as grandes orientações de método (fazer-se amar antes de fazer-se temer; razão, religião, bondade). E tudo isso em benefício da formação de jovens ‘novos’ para o século XXI, chamados a viver e a se confrontar com uma vastíssima e inédita gama de situações e problemas, em tempos decididamente modificados, nos quais as próprias ciências humanas estão em fase de reflexão crítica”⁹².

⁹⁰ Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Com os jovens pelos caminhos do mundo. Tau Editrice, Piandi Porto, 2012, p. 63;

⁹¹ Ibid. p. 63.

⁹² CHAVEZ. Pascual V. *Estreia 2013*. Como Dom Bosco ofereçamos o Evangelho da alegria mediante a pedagogia da bondade. Editora Dom Bosco. Brasília, 2013. pp. 11-12.

Dom Bosco não elaborou um sistema pedagógico preventivo em termos teóricos, mas experienciou e refletidamente adotou princípios, métodos, estratégias e abriu instituições (Oratórios) que lhe permitiram dar aos jovens uma formação humana e cristã bastante completa, outorgando aos seus colaboradores (muitos deles jovens) uma proposta educativa orgânica e unitária.

A razão, a religião e a bondade (*amorevolezza*) podem ser revisitadas sob a ótica da comunicação educativa:

RAZÃO: ajuda a avaliar todas as coisas com sentido crítico e a descobrir o valor autêntico das realidades terrenas, respeitando-lhes a autonomia e a dignidade. Na raiz do seu sistema educativo há um sólido humanismo. Faz do Sistema Preventivo um sistema aberto, rico de esperança na pessoa, que a capacita para dialogar e comunicar-se com as novas culturas e linguagens juvenis.

RELIGIÃO: busca religar a pessoa numa grande rede de comunicação com a Trindade e de solidariedade com os irmãos. Os irmãos, segundo o carisma salesiano, têm um rosto específico: os jovens. Promove um diálogo vital com eles sobre a busca do sentido pleno da vida, da abertura a Jesus, da inserção solidária na missão eclesial, na sociedade civil.

BONDADE: manifesta-se como acolhida incondicional, relação construtiva que desperta iniciativas, partilha de alegrias e de dificuldades, capacidade de traduzir com a vida o amor educativo. Exprime-se numa convivência próxima e prazerosa. Privilegia-se o ser na comunicação interpessoal, nas relações educativas. Potencia, no jovem, a capacidade de amar, de doar-se, de ser evangelizador de outros jovens. A bondade, fruto do amor educativo, cria o espírito de família,

tecido por uma teia comunicativa de acolhida às diferenças, de gentileza, de presença, de confiança.

Uma relação comunicativa, centrada na razão, na religião e na bondade, leva a repensar o estilo de relações nas comunidades educativas. A comunicação educativa é indispensável à missão e, no estilo salesiano, requer conhecimento da cultura midiática, das novas plataformas onde os jovens se relacionam. Eles desejam ser sujeitos da comunicação, coautores dos processos relacionais, criando uma interatividade própria. Interatividade essa, que lhes permite criar redes de solidariedade, de presença política no cenário social, de inserção eclesial, dando à sociedade um novo rosto de humanidade.

Entrar na essência do Sistema Preventivo requer uma convivência com Dom Bosco; exige um trilhar a sua espiritualidade cotidiana; pede uma atenção solícita aos tempos modernos, e nele ler e tecer os projetos de Deus acerca dos jovens. Entrar na aventura do Sistema Preventivo é tomar para si a decisão de empreender jornadas de aprendizagem com o Espírito de Deus. É auscultar o sopro do Espírito que formou e plasmou Dom Bosco e, hoje, continua a formar a Família Salesiana.

8.2. Sistema Preventivo e Cidadania – ‘Bom cristão e honesto cidadão’ em tempos de pós-modernidade

Dom Bosco concebeu e realizou a própria obra educativa para a consecução de fins ao mesmo tempo *antigos e novos*, levando os jovens a acolher e a formar em si tanto a fidelidade à perene novidade cristã, quanto à capa-

cidade de inserir-se numa sociedade projetada para novas conquistas.

A coexistência dos valores é o estilo de toda atividade de Dom Bosco educador: católico convicto, imerso em Deus, fiel à Igreja e ao Papa, padre em qualquer lugar e, indissolavelmente, cidadão inserido na sociedade, empenhado em dar uma contribuição específica para o progresso material e espiritual dela. Desse modo ele entendia a posição jurídica e operativa dos membros de sua sociedade religiosa no *Esboço histórico* sobre a Sociedade Salesiana de 1874: “Todo membro, perante a Igreja seja um religioso, e na sociedade civil seja um cidadão livre”.⁹³

Atualizar a aspiração de Dom Bosco de educar os jovens para que sejam *bons cristãos e cidadãos honestos* significa criar ambientes educativos que promovam um clima favorável ao desenvolvimento das diferentes vocações⁹⁴.

Hoje o desafio de se viver em uma ‘sociedade informada, globalizada, é permitir a seus cidadãos que se organizem não pela passividade ou pelo individualismo da virtualidade, mas concretamente, no exercício de atividades que estimulem e desenvolvam o sentido da democratização e da cidadania ativa’⁹⁵.

Aproximar a temática do Sistema Preventivo ao tema da cidadania requer um relançamento do “bom cris-

⁹³ Cf. P. Braido, “L’idea della società salesiana nel ‘Cenno storico’ di Don Bosco del 1873/1874”, RSS 6 (1987), p. 264.

⁹⁴ Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Nos Sulcos da Aliança – Projeto Formativo das FMA, São Paulo, Grupo Impressão, 2001.

⁹⁵ Tramonte, Cristiana & Souza, Marcio Vieira. *A comunicação na aldeia global. Cidadãos do planeta face à explosão dos meios de comunicação*. Editora Vozes, Petrópolis, 2005, p. 16.

tão e do honesto cidadão”. Don Pascual Chávez, *Estreia de 2013*, convoca a Família Salesiana a uma profunda reflexão quanto ao ‘honesto cidadão’.

“Uma reflexão que inclua temáticas da promoção humana, juvenil, popular, tecendo considerações filosóficas, antropológicas, teológicas, científicas, históricas, metodológicas. A educação salesiana deve importar-se com a ‘dimensão social da caridade’, com a ‘educação dos jovens ao empenho’ e ‘à participação na política’, essa última um tanto transcurada ou mesmo desconhecida por nós⁹⁶”.

Relançar, portanto, o *honesto cidadão*, como compromisso educativo salesiano, exigirá um posicionamento quanto à formação dos jovens à sensibilidade política, social, comunicacional, à capacidade de negociar sentidos no mundo da comunicação social, ao empenho pela transformação da sociedade, ao voluntariado como missão em vista do bem da comunidade social. Exigirá coerência entre os princípios educativos salesianos com nossa prática/presença na sociedade civil e na igreja.

Cidadania evangélica na ótica de Jesus

Nas raízes da espiritualidade salesiana, tanto Dom Bosco quanto Maria Mazzarello tinham convicções sólidas de que a missão se fundamentava no Evangelho, na proposta de Jesus que é a proposta das Bem-aventuranças, lastro da cidadania evangélica. “Cristo se faz modelo, nosso caminho, nosso exemplo em tudo, mas particularmente

⁹⁶ Chávez, Pascual. *Estreia 2013*. Editora Dom Bosco, Brasília, 2013, pp.15-16.

na educação da juventude. À luz deste exemplo, gostaria que se formassem assim meus caros filhos”⁹⁷. Também à luz dessa postura de Jesus, educar os/as jovens para uma cidadania ativa, evangélica, plenamente comprometida com a transformação do mundo, é um compromisso da Família Salesiana.

Jesus sempre se apresentou no meio do povo, a seu lado, de maneira solidária e comprometida com as mudanças sociais, políticas, econômicas. Relia as tradições sob o foco do mandamento do amor que tem a pessoa como centro de suas atenções.

A cidadania de Jesus se revela na força de seu desejo de instaurar e construir o Reino de Deus. Desvela as mazelas da sociedade, o autoritarismo dos poderosos, a inversão de valores. Não cala diante dessas realidades. E é capaz de sentir compaixão e se comover com os pequeninos excluídos da vida. Propõe a lei do amor, da solidariedade, do respeito, da inclusão social, da equidade e transparência. A condição para o exercício da cidadania é o amor, a caridade que é capaz de gerar posturas éticas. “Para entrar nessa cidadania – a condição é a caridade, a acolhida do outro, quem quer que seja. Confrontando o texto de Mt 25,31-46, descobre-se que os outros são a nossa bem-aventurança histórica e escatológica. No rosto do outro se refletem os traços do totalmente Outro”⁹⁸. Este é o horizonte do cidadão de Jesus.

⁹⁷ Cf Circolare Del 24-1-1883, citado em Piera Cavaglià, Torino 7 ottobre 2001, in *Espressioni e modalità della cittadinanza evangélica secondo Il carisma salesiano nelle sua connotazioni femminili*.

⁹⁸ Cf MASCIARELLI, Michele Giulio. L'uomo della crisi fra “particolare” e mondialità, in DI AGRESTI, *Cittadini Del mondo* 112.

Outro aspecto da cidadania de Jesus leva ao primado do contato com as pessoas, a buscar proximidade com elas, a conhecê-las na sua inteireza, a reconhecer-lhes a sua alteridade, a promovê-las resgatando-lhes o que há de melhor em si mesmas. Jesus tem plena consciência de sua missão: dar, resgatar, promover e assegurar a vida: “Não são os que estão bem que precisam de médico, mas sim os doentes. Ide e aprendei o que significam estas palavras: Eu quero a misericórdia e não o sacrifício. Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores” (Mt 9, 12-13).

Sendo o horizonte missionário salesiano, a juventude, especialmente os mais pobres, compete aos educadores formar as novas gerações para seguirem os ensinamentos do Evangelho de Jesus, atualizando-os na realidade socio-cultural em que estão inseridos.

Cidadania na ótica de D. Bosco e Madre Mazzarello

É necessário revisitar Valdocco e Mornese (Itália) para haurir daquele ambiente as raízes de cidadania ao estilo de Dom Bosco e de Maria Mazzarello. Não havia discursos e teorias explícitas de cidadania ativa. Havia um exercício efetivo e comprometido com a transformação comunitária e social.

Dom Bosco conheceu a vida dura desde a tenra idade, seja pela época difícil de guerras, hostilidades entre Igreja e Estado, seja pela situação familiar de pobreza que o levou a buscar estudo em outros lugares longe de sua cidade natal. Conheceu o mundo “sociologicamente falando” pela experiência pessoal. Aos nove anos, em um de seus sonhos,

recebeu um mandato divino: ‘Este é teu campo de missão’. Ali nasceu seu coração de pastor – de acompanhante dos meninos e jovens, a pedagogia salesiana – seu estilo de educar, de animar os jovens, e a consciência de que algo precisa mudar, se transformar: ‘Não com pancadas, mas com a mansidão e a caridade’. Dali vai se ampliando a consciência do caráter social e missionário de sua ação.

O exercício de cidadania em Dom Bosco não se limita, contudo, ao trabalho de promoção evangelizadora com os jovens pobres de Turim, mas se abre a ambientes muito mais amplos, um deles, o eclesial. O espírito aberto e conciliador de nosso santo permite-lhe um excelente trabalho de mediação entre as partes em conflito[...]”⁹⁹.

Dom Bosco dedicou sua vida aos jovens, dando-lhes abrigo, condições dignas de vida, a oportunidade de estudo e profissionalização, inserção no mundo do trabalho, inclusive garantindo os direitos trabalhistas numa época em que não existia o respaldo legal para o trabalhador, tendo um olhar à frente de seu tempo.

Maria Domingas Mazzarello, mulher cidadã de seu tempo, começou desde cedo, como Dom Bosco, a ampliar seu olhar social. Viveu intensamente as questões de seu tempo e soube inaugurar uma ação evangelizadora e transformadora.

Em família, viveu a dimensão do trabalho como realização e missão. Apoiou a comunidade de Mornese que enfrentava uma epidemia de tifo e prestou serviços aos atingidos. Tendo ela contraído a doença, descobriu caminhos de

⁹⁹ VILLEGAS, M. Cristina J. La ciudadanía evangélica a luz de Valdocco y de Mornés. Charla a las junioras. Sept. 29, 2001, Colombia.

envolvimento social: aprendeu a arte da costura para poder ampliar os horizontes das meninas de Mornese. Concebeu esse trabalho com um foco altamente educativo. Ministrou uma formação de cunho integral às meninas. Sabia que afrontava não um tipo de pobreza material, mas de natureza cultural, como o analfabetismo.

Sua intuição educativa percebeu a realidade das meninas de Mornese e inaugurou uma cidadania com projetos culturais educativos:

“Para poder socorrer as meninas pobres, elabora um projeto de vida sob o foco da criatividade e do protagonismo: deixa a família, a sua liberdade e as suas seguranças e decide iniciar uma vida de total partilha de bens, de tempo, de projetos. Mazzarello tem um programa de ação claro e calibrado para realizar e nele envolve a amiga Petronilla e outras jovens. (...) Também em nível social se respirava um clima no qual cada novidade era suspeita, tanto em nível teológico e espiritual, o modelo formativo é assinalado por motivações já presentes no século precedente: a mulher toda casa e igreja”¹⁰⁰.

Fica claro para Mazzarello que sua inserção social não era do tipo assistencial, ainda que se devesse prover muitas vezes o necessário para a sobrevivência das meninas desamparadas. Era uma inserção social de caráter educativo e preventivo. Sua aguçada criatividade lhe permitia dar respostas efetivas às necessidades em questão.

¹⁰⁰ CAVIGLIÀ, Piera. La cittadinanza evangelica nell’ottica de Don Bosco e Maria Domenica Mazzarello: non la strategia dell’adattamento, ma dell’alternativa, non dell’assistenzialismo, ma dell’educazione. Nizza Monferrato, 2002.

Tinha uma grande e significativa preocupação de propiciar estudo às primeiras Irmãs da comunidade de Mornese para elevar o nível cultural. Soube atingir o público a partir da educação, com sua presença significativa no território. Sua prática antecipou e estimulou a missão educativo-pastoral, da qual irrompem posturas éticas e cidadãs.

Humanismo cristão, salesiano na perspectiva da cidadania

O humanismo requer de cada ser humano um constante aprimoramento de si mesmo. Requer a capacidade de desenvolver plenamente todas as suas próprias capacidades. O ser humano é educado para alcançar a autonomia, para ser capaz de escolhas éticas, de respeito à alteridade, para ser criativo e participativo. Requer-se do humanismo a essência da plenitude do ser humano: não um homem pronto, mas em contínua construção e formação. Capaz de ir aperfeiçoando-se em suas atitudes e ações, fundadas na ética, no respeito, no bem comum. Capaz de inserir-se na sociedade política, e democraticamente lutar pela igualdade universal, por uma economia solidária, por estabelecer relações cooperativas, pelo direito a manifestar seu próprio pensamento sendo autor de sua história, por instaurar uma justiça social e cristã com os critérios do Evangelho de Jesus.

O cidadão é convocado ontologicamente a SER, a buscar a própria humanização, a entrar na realidade mais profunda de si mesmo, a abrir-se para conhecer a

realidade social e nela incidir, contribuindo para com sua transformação.

Na visão cristã, o ser humano é imagem e semelhança de Deus, tendo um valor singular; por isso, o humanismo cristão tem uma dimensão social muito forte. Humanismo e cidadania têm relações estreitas, requer uma convivência permanente com um compromisso de transformações sociais à altura da ética, que possibilite e se abra ao bem comum.

Como diz o Reitor-Mor dos Salesianos, em sua *Carta da Missão da Família Salesiana*, Roma, 15 de novembro de 2000, o humanismo salesiano de Dom Bosco transparece em todas as suas relações, seja com a família, com os jovens, com as autoridades do seu tempo.

A ação cidadã ou exercícios de cidadania representa a autodeterminação do cidadão de agir, incidir, transformar, inovar, gerir para a defesa dos interesses comuns. É uma ação contínua que não tem fim. Pelo caráter educativo, o carisma salesiano tem um compromisso permanente com a formação das novas gerações de cidadãos conscientes e capazes de terem uma postura mais participativa tendo em vista o futuro da humanidade, como casa comum, lugar onde todos tenham vida e vida em abundância.

CONCLUSÃO

A Educomunicação pretende ser uma ferramenta que auxilie a educar para acolher a harmonia e a beleza não apenas nas expressões artísticas do passado, mas também nas produções artísticas e culturais de hoje. Isso significa reforçar as relações humanas e a abertura para o outro, dialogar com as linguagens e as tecnologias; educar para a plenitude da vida, favorecendo o protagonismo juvenil a fim de que cada um possa realizar-se na plena construção de si, em diálogo com os outros, com o mundo e com Deus; educar para a convivência, para ser cidadão deste tempo.

Urge uma formação permanente, não apenas dos educadores, mas de toda a comunidade educativa envolvida no processo de acompanhamento dos jovens, elaborando propostas que permitam aos jovens descobrir e desenvolver formas diversas de apropriação de experiências culturais para viver a partilha e a solidariedade.

Esta pesquisa é uma proposta de reflexões sobre as Culturas Juvenis na Ótica da Educomunicação à luz do Sistema Preventivo; foi tecida durante um longo período de diálogo, estudo, partilha e aprofundamento. Espera-se que este processo tenha continuidade nas comunidades educativas locais e inspetoriais e que promova o surgimento de novas práticas pedagógicas e pastorais, tendo presente a cultura comunicacional de nosso tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAD, Miguel. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho. Políticas públicas: juventude em pauta. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, 2003.
- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.5-6, pp. 25-36, 1997.
- _____. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Escrita, 1994.
- ADORNO, Theodor. Indústria Cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ADORNO, Theodor. Os pensadores. “Conceito de iluminismo”. Nova Cultura, 1999.
- AGUIAR, Vera Teixeira. O verbal e o não verbal. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.
- ALTASI, Almir. A legislação e o ensino de arte na educação básica. Disponível em: <http://www.artenaescola.org.br/sala_relatos_artigo.php?id=581>. Acessado em 16 set 2012.
- BACCEGA, Maria Aparecida e Costa, Maria Cristina Castilho (orgs.) – Gestão da Comunicação – Ed. Paulinas, 2009 – SP.
- BAITELLO JÚNIOR, Norval. O tempo lento e o espaço nulo: mídia primária, secundária e terciária. 2000. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/54144073/midia-primaria-secundaria-e-terciaria>>. Acesso em: 22 mar. de 2011.

- BARNARD, M. Moda e comunicação. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BENTO XVI Mensagem para 45º Dia das Comunicações Sociais, 2011.
- BENTO XVI Mensagem para o 45º dia Mundial das Comunicações Sociais, 2011. Disponível em:
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day_po.html.
- BOMBONATTO, Vera Ivanise. Evangelizar é comunicar: fundamentação bíblico teológica da Pastoral da Comunicação. 1ª edição. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BRENNER, Ana; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco (orgs.). Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.
- CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- CANCLINI, Néstor García; CRUCES, Francisco; POZO, Maritza Urteaga Castro. Jóvenes, culturas urbanas y redes digitales. Madrid: Ariel, 2012. Disponível em: <http://www.articaonline.com/wp-content/uploads/2011/07/jovenes_culturas_urbanas_completo.pdf>. Acesso em: 26 set. 2012.
- CANDA, Cilene; BATISTA, Carla. Qual o lugar da arte no currículo escolar. Revista Científica FAP, Curitiba, n. 2, pp. 107-119, dez. 2009.

- CANGIÀ, Caterina. Um carisma per flauto e orchestra: Maria Domenica Mazzarello e le Figlie di Maria Ausiliatrice. Roma: Multimidea, 2002.
- CASTILHO, Khatia. Moda e Linguagem. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.
- CASTRO, Afonso de. Carisma para educar e conquistar: espiritualidade, alegria e prazer na educação salesiana. São Paulo: Editora Salesiana, 2002.
- CHASQUI, Nro. 58, Revista Latinoamericana de Comunicación. Quito, 1997 (Artículo Editorial), in ALVARACÍN, Germán Parra. Bases epistemológicas de la educucomunicación. Definiciones y perspectivas de su desarrollo. Ediciones ABYA-YALA, Quito: 2000.
- CHARTIER, Roger. A aventura do livro – do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CHAVEZ. Pascual V. Estreia 2013. Como Dom Bosco ofereçamos o Evangelho da alegria mediante a pedagogia da bondade. Editora Dom Bosco. Brasília, 2013.
- CITELLI Adilson O; COSTA Maria Cristina C.(Orgs). Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento. São Paulo, Paulinas, 2011.
- CNBB – doc. 85. Evangelização da Juventude – Desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulinas.
- CNBB. Campanha da Fraternidade 2013: Juventude e Fraternidade, edições CNBB, Brasília, 2013.
- COMISSÃO PONTIFÍCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Instrução Pastoral Communio et Progressio – sobre os meios de comunicação social, Paulinas, 1971, São Paulo, SP.
- COSTA, Antonio Galdino. Moda/Indumentária em culturas juvenis: símbolos de comunicação e formação de iden-

- tidades corporais provisórias em jovens do Ensino Médio. In: Revista Conexões, v. 5, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://polaris.bc.unicamp.br/seer/feef/viewarticle.php?id=62>>. Acesso em: 15 set. 2012.
- COSTA, Maria Cristina Castilho (org.) Gestão da Comunicação – Projetos de Intervenção – Ed. Paulinas 2009 – SP.
- DMA- A comunicação na História do Instituto das FMA.
- DAMASCENO, Maria Nobre. Formação da Juventude: educação e cidadania em áreas de assentamento do MST. Disponível em: < <http://www.alasru.org/wp-content/uploads/2011/06/2-GT-Maria-Nobre-Damasceno.doc>> . Acesso 02.06.2011.
- DAYRELL, Juarez Tarcísio; GOMES, Nilma Lino. A juventude no Brasil. Disponível em: <http://www.cm-jbh.com.br/arq_Artigos/SESI%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.pdf>. Acesso em: 15 set. 2012.
- DAYRELL, Juarez. Educação do Aluno – Trabalhador: uma abordagem alternativa. Educação em Revista, Belo Horizonte, 1992, nº 15, pp. 21-29.
- Dragonsoft-.(WWW.dragonsoft.com.br-Solidariedade).
- DUARTE, Gleuso Damasceno. Educomunicação: desafio à família salesiana. 1. Ed. Brasília: Cisbrasil – CIB, 2010.
- DUARTE Jr.. Fundamentos estéticos da Educação. Campinas: Papyrus, 1998.
- ECODESENVOLVIMENTO. Entrevista com Gabriel MILANEZ. 2011. Disponível em: <<http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2011/junho/entrevista-gabriel-milanez>>. Acesso em: 26 set. 2012.

- ECOSAM – Proposta de Educomunicação para a Família Salesiana – Ed. Salesiana – 2004.
- FEIXA, Carles. De jóvenes, bandas y tribos. Barcelona: Ariel, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 4ª Ed. Curitiba: Positivo, p. 2120 .
- Formação de Professor as/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Disponível em: <http://moodle.epmcelp.edu.mz/pluginfile.php/3374/mod_resource/content/1/onstru%C3%A7%C3%A3o%20social%20da%20identidade%20adolescente.pdf .
- FUSARI, M. Multimídias e formação de professores e alunos. Paper apresentado no VIIº ENDIPE. 1194.
- GIDDENS, Anthony. As Consequências da Modernidade. São Paulo: Ed Unesp, 1991, 2ª ed.
- Gonçalves, Fernando do Nascimento. Comunicação, cultura e arte contemporânea, disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_08/01FERNANDO.pdf- acesso em 15/01/2014.
- HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 6a. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- IBGE, Departamento de População e Indicadores Sociais. População jovem no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE,

- 1999, 55 p. n. 3. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/populacaojovem.pdf>. Acesso em: 26 set. 2012.
- IBGE. População Jovem no Brasil. Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica. Rio de Janeiro: n. 3, 1999.
- INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. Atos do XXII Capítulo Geral do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, Lorena, Instituto Santa Teresa, 2009.
- _____ Atos do XX Capítulo Geral do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, Roma, 1996.
- _____ Cooperação para o desenvolvimento: Orientação para o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, EMI, Bologna, 2006.
- _____ GONG 4 – Educomunicação: Pequenos passos da nova mudança, Roma, 2008.
- _____ GONG 5 – Na cultura da Comunicação: Um mapa para orientar-nos, Roma, 2012.
- _____ Nos Sulcos da Aliança - Projeto Formativo das FMA, São Paulo, Grupo Impressão, 2001.
- _____ Para que tenham vida e vida em abundância- LOME- Linhas Orientadoras da Missão Educativa das FMA. Turim: Elledicci, 2005.
- JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. Ed. Aleph, S.Paulo, 2009.
- JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica Redemptoris missio (Sobre a validade permanente do mandato missionário). São Paulo: Loyola, 1991.
- KENSKI, Vani Moreira (1998). “Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos

- no trabalho docente”. In.: Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago, 1998, n.º 8.
- LÉVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. p.208.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LOURO, Guacira L. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.
- LURIE, Alison. A linguagem das roupas. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- MAE, Ana. Currículo escolar de artes deve ser pensado pelos professores. Disponível em: <<http://www.blogeducacao.org.br/curriculo-escolar-de-artes-deve-ser-pensando-pelos-professores-diz-ana-mae/>>. Acessado em 16 set 2012.
- MACCONO Ferdinando: Santa Maria D. Mazzarello – Torino Istituto Figlie de Maria Ausiliatrice – volume segundo, 1960.
- MARTÍN-BARBERO, artigo disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comeduc/article/view/36920/39642>.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações; comunicação, cultura e hegemonia. Prefácio à 5ª Ed. Espanhola. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- MATTELART, Armand e Michèle – História das teorias da comunicação – Edições Loyola – São Paulo, 2003.
- MELUCCI Alberto – Juventude, Tempos e Movimentos Sociais. in FÁVERO, Osmar; SPÓSITO Marília P., CARRANO, Paulo, NOVAES, Regina R.(Orgs.) Ju-

- ventude e Contemporaneidade. Brasília: MEC- UNESCO, 2007.
- MOREIRA, MH. O. cit. Rede Salesiana de Escolas (org) ECOSAM – Proposta de Educomunicação para a Família Salesiana.
- MORIN, Edgar. O método, vol.4. As ideias, seu habitat, sua vida, seus costumes, sua organização. Rio Grande do Sul: Sulina, 1997.
- MUNDO SUSTENTÁVEL. Pesquisa o sonho brasileiro revela jovens engajados e ativos por um mundo sustentável. 2011. Disponível em: <<http://www.mundosustentavel.com.br/2011/06/pesquisa-o-sonho-brasileiro-revela-jovens-engajados-e-ativos-por-um-mundo-sustentavel/>>. Acesso em: 26 set. 2012.
- NOVAES, Regina. Juventude e sociedade: jogos de espelhos. Sociologia especial, São Paulo, 2007, ano I, n. 2, pp. 6-15.
- ODUM, E.P. Fundamentos de ecologia. 6.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis, Vozes, 1987.
- PLASENCIA. Filiberto González PSDB - Conselheiro Geral para a Comunicação Social - Roma, Itália – 31.01.2011. Diretrizes para a Congregação Salesiana. SISTEMA SALESIANO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Segunda Edição. Roma – 2011 – Disponível no Site: http://www.sdb.org/pt/Dicasterios/Com_Social/Doc - Acessado em 22 de agosto de 2013.
- PAIS, José Machado. Culturas juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1993.

- Perles, João Batista - Comunicação: conceitos, fundamentos e história - www.bocc.ubi.pt.
- PERINI, João Carlos. Dom Bosco e os Jogos: a fascinante pedagogia do santo dos jovens. Tradutor: Pe. Humberto V. de Barros. Brasília: RSB, 2012.
- Porfírio Filho, Antonio - Aspectos da Função Social da Oralidade no Ambiente Escolar numa perspectiva pragmática –<http://www.jurisway.org.br/>.
- REDE SALESIANA DE ESCOLAS (org). Educomunicação: desafio à família Salesiana. 1ª ed. Brasília: CIB-CISBRASIL, 2010.
- _____. Escola Salesiana América. Brasília: Cisbrasil, 2009.
- Revista Viração, www.viracao.org .
- RIBEIRO, José Carlos. Um Novo Olhar sobre a Sociabilidade no Hiperespaço. in PALACIOS, Marcos & LEMOS, André (orgs). Janelas do Ciberespaço - Comunicação e Cibercultura. Bahia. Editora Sulina: 2001.
- Rivoltella 2002, Revista comunicar – www.revistacomunicar.com .
- ROLIM, Maria Américo. Contigo, Main, pelos caminhos da vida: Subsídio Projeto Mornese. Âmbito da Formação. Roma: Inst. FMA, 2007.
- SACRISTÁN, Gimeno; GÓMEZ, Pérez. Compreender e Transformar o Ensino. Porto Alegre, Arted, 1994.
- SANTAELLA, L. Das culturas das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. Revista FAMECOS, nº 22, dez., 2003.
- _____, Lúcia. Culturas e Artes do Pós-Humano. São Paulo: Paulus, 2004,

- _____, Lucia. Linguagens líquidas na era da mobilidade. – São Paulo: Paulus. 2007.
- SARLO, Beatriz. Cenas da vida pós-moderna – intelectuais, arte e videocultura a Argentina. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.
- SAWAYA, Márcia Regina. Dicionário de Informática & Internet. 3ª ed. São Paulo : Nobel, 1999.
- SCHUMACHER, Ralph. Nem só de Mozart depende a inteligência. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/nem_so_de_mozart_depends_nossa_inteligencia.html>. Acessado em 13 dez 2012.
- SÍNODO DOS BISPOS – XIII: A nova evangelização para a transmissão da fé cristã - Instrumentum Laboris – Assembleia geral ordinária – nº 28 – Paulinas – São Paulo – 2012.
- SOARES, I. O. . A ECA/USP e a Educomunicação: a consolidação de um conceito, em dezoito anos de trabalho. Comunicação & Educação, v. 2.
- _____, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. Revista Comunicação & Educação nº 19, São Paulo, Segmento/ECA/USP, ano 7, pp. 12-24, dez. 2000.
- _____, Ismar de Oliveira. Entrevista com Ismar de Oliveira Soares (USP): uso educutivo do rádio pode trazer alegria e autoconfiança. In: Portal do Professor. MEC, 2012. Disponível em: <<http://portaldo-professor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=79&id-Categoria=8>>. Acesso em: 20 jun. 2012.
- _____, Ismar de Oliveira. Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

- SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: Novaes, Regina; Vannuchi, Paulo (Orgs.). Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- SONHO BRASILEIRO. Qual seu sonho para o lugar que você vive? 2011. Disponível em: <<http://osonhobrasileiro.com.br/>>. Acesso em: 26 set. 2012.
- SOUZA Gildásio M. Boletim Salesiano, 2012.
- Souza Gildásio M. Boletim Salesiano, Abril 2013.
- SPADARO. Antonio. Web 2.0 Redes Sociais – Paulinas, São Paulo, 2013.
- SPOSITO, Marília Pontes. Estudos Sobre Juventude em educação. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, v. 5/6, n.5, p. 37-52, 1997.
- SPOSITO, Marília Pontes. Jovens e Educação - Novas Dimensões da Exclusão. Em Aberto, Brasília, v. 55, n.55, pp. 43-52, 1992.
- SPOSITO, Marília Pontes. Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa, 2003. Disponível em: <<http://www.juventude.gov.br/conjuve/documentos/os-jovens-no-brasil-desigualdades-multiplicadas>>. Acesso em: 26 set. 2012.
- TREBELS, Andrés H. Uma concepção dialógica e uma teoria para o movimento humano. Revista Perspectiva. v. 21, n. 1, jan./jun. 2003 .
- WEEN, Vin; WRAKKING, Bem. Homo Zappiens - Educando na Era Digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.

